



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

**ANAIS DO
II SEMINÁRIO
MATERNIDADE &
UNIVERSIDADE
DA UFRJ**

ORGANIZAÇÃO

**Mithaly Salgado Corrêa, Luana Fontel, Lizie de Souza Calmon,
Juliana Marcia Santos Silva, Maíra de Oliveira Freitas,
Gabriela da Silva Dezidério, Juliana Silvestre Louven
Ferreira, Vanessa dos Santos Tavares.**

2023



II SEMINARIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

SOBRE O II SMU/UFRJ

A emergência de pesquisas que tem considerado o exercício da maternidade, maternagem e parentalidade para os debates sobre gênero e feminismos, expõe reflexões urgentes e necessárias para a solidificação de nossas buscas por direitos, muitas vezes negados institucionalmente e que produzem vulnerabilidades.

É no desejo de estabelecer pontes com pesquisas e ativistas que trazem a temática em diversas partes do Brasil que, no segundo semestre de 2022, o **Projeto de Extensão Universitária Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão de mulheres-mães da UFRJ**, o **Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade - Núcleo Materna** e o **Coletivo Mães da UFRJ** realizou o **II Seminário de Maternidade e Universidade da UFRJ**, estabelecendo redes com pesquisadoras da UFRJ e das seguintes instituições de ensino superior brasileiras em sua organização: UEFS, IFPR, UFS, UFRRJ, UERJ, UNIGRANRIO, UFF, UFRB, UFPE, PUC-RIO e UNEB.

O seminário foi realizado de forma híbrida entre os dias **01 e 04 de dezembro de 2022** e os trabalhos submetidos e aprovados foram apresentados de forma síncrona, através das Sessões de Comunicação Oral, com transmissão ao vivo no canal do Núcleo Materna no Youtube.

Foram aceitas pesquisas onde o tema **maternidade se apresentava como eixo central**, em sua pluralidade de significados conceituais, científicos e políticos, a fim de estabelecer diálogos oportunos ao combate das opressões sistemáticas que envolvem, na contemporaneidade, suas interseções com demarcadores de opressão institucionais e culturais.

O Seminário contou também **com palestras e mesas redondas de coletivos de mães universitárias e pesquisadoras da maternidade de diversas regiões do Brasil.**



II SEMINARIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

APRESENTAÇÃO

Luana Fontel (PIPGLA/UFRJ)

Habitar o ensino superior e a produção científica, sendo mulher, mãe e pertencente a classe trabalhadora significa habitar uma fronteira alicerçada por dicotomias históricas que tentam, cotidianamente, nos desterritorializar. O “aqui não é o seu lugar”, não nos é dito de forma explícita, mas está disposto em frases da vida cotidiana nas universidades e nas ciências.

Ideais de neutralidade, produtividade e universalidade, características de uma ciência sem corpo, ainda determinam regimentos, temporalidades e protocolos de ensino-aprendizagem. Determinam também a forma com que, mesmo após 60 anos da produção feminista contemporânea, que considera as interseccionalidades, ainda sejamos mal recebidas quando compreendemos que escrever sobre os aspectos políticos de nossas vidas, pode desaguar em propostas teóricas válidas e legítimas.

Questionar os ideais de inclusão das instituições de ensino superior e pensar as demandas de mulheres que maternam é um trabalho cotidiano, insistente e insubmisso, que tenta dar conta de um legado que nos usurpou autonomia e direitos e que já não aceitamos que nos vulnerabilize.

O II Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ de 2022, reúne então, nestes Anais, pesquisas e relatos que assinam esse manifesto ativistacientista e que entendem que a razão precisa ser fissurada pelos afetos e emoções para que encontre enfim seu corpo e seu compromisso social.



II SEMINARIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

REALIZAÇÃO

NÚCLEO VIRTUAL DE PESQUISA EM GÊNERO E MATERNIDADE – NÚCLEO MATERNA
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA MÃES NA UNIVERSIDADE DA UFRJ
COLETIVO MÃES DA UFRJ

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS

MITHALY SALGADO CORRÊA – UFRJ
LUANA FONTEL – UFRJ
LIZIE DE SOUZA CALMON – UFRJ
JULIANA MARCIA SANTOS SILVA – PUC/RIO
MAÍRA DE OLIVEIRA FREITAS – UERJ
GABRIELA DA SILVA DEZIDÉRIO – UFF
JULIANA SILVESTRE LOUVEN FERREIRA – UFF
VANESSA DOS SANTOS TAVARES – IFPR

EDITORAÇÃO

MITHALY SALGADO CORRÊA – UFRJ

IMAGENS E ARTES

DAS AUTORAS.

COMISSÃO CIENTÍFICA

LUANA FONTEL – DOUTORANDA EM LINGUÍSTICA APLICADA NO PIPGLA/UFRJ.
JULIANA MARCIA SANTOS SILVA – DOUTORANDA EM SERVIÇO SOCIAL PELO PPGSS/PUC RIO.
MAÍRA DE OLIVEIRA FREITAS – DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO NO PROPED/UERJ; DOCENTE CAP UERJ.
GABRIELA DA SILVA DEZIDÉRIO – DOUTORANDA NO PPGS/UFF.
JULIANA SILVESTRE LOUVEN FERREIRA – DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO NA UFF.
VANESSA DOS SANTOS TAVARES – DOUTORANDA NO PPGE – UNICID; BOLSISTA CAPES/IFPR.



II SEMINARIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4

DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

ORGANIZAÇÃO DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE -UFRJ

MITHALY SALGADO CORRÊA
LUANA FONTEL
LIZIE DE SOUZA CALMON
JULIANA MÁRCIA SANTOS SILVA
LUANA DE PAULA SANTOS
MARCELLA SANDIM C. G. FERREIRA
RAFAELA ELIAS DOS SANTOS
LUANA DE CASTRO TEIXEIRA BUENO
AGATHA CRISTINA DA SILVA RAMOS
FABIANA ASSIS DA CRUZ
MARILENE DOS SANTOS QUEIROZ
CLARA DE PAULA SANTANA JAMIL
LARISSA BALBINO THOMÉ EDUARDO
DANUZA S. DOS SANTOS CHAVES
NATHALIA ALVES BESSA
KARINA SICILIANO OLIVA SARAIVA
DANÚLZIA GONÇALVES DA SILVA VITORINO
VANESSA SOARES DE SOUZA
OHANA TALIA DE SOUZA
AMANDA MARTINS DE OLIVEIRA
CRISTIANI DERNER VALENTE
CAMILA DA SILVA ANTUNES PADILHA
KARINA RODRIGUES SANTOS DA SILVA
MANOELA VELOSO PASSOS
LAURA HOLANDA LACERDA
VITÓRIA PEREIRA MENDES DA SILVA
TÁCITA MYKAELLY NASCIMENTO LEAL
GABRIELA DA SILVA DEZIDÉRIO
VANESSA DOS SANTOS TAVARES
MAÍRA DE OLIVEIRA FREITAS
JULIANA SILVESTRE LOUVEN FERREIRA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Anais do II Seminário Maternidade & Universidade da UFRJ (1, 2, 3 e 4 dezembro de 2022) [livro eletrônico]. -- Rio de Janeiro : Ed. das Autoras, 2023.

PDF

Várias autoras.

Várias organizadoras.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-88544-6

1. Ensino superior - Estudantes 2. Mães - Experiências de vida 3. Mães negras 4. Maternidade - Aspectos sociais 5. Mulheres - Educação - Brasil 6. Políticas públicas.

23-184220

CDD-306.8743

Índices para catálogo sistemático:

1. Maternidade : Experiências : Sociologia 306.8743

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

SUMÁRIO

RESUMOS SIMPLES - EIXO 1 : MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

09

- Maternidade Docente - Quem Escuta ou Enxerga uma Mãe Solo?** 10
Taís Ferreira.
- A Influência da Produção Feminista em Ser Mulher em Manaus: Corpo, Parto, Sexualidade** 11
Náthaly Palomany Santana da Silva, Raquel Wiggers.
- O Poder da Persistência de Mulheres-Mães e Universitárias no Cursar Pedagogia na UFPE-CAA: Como Flores de Cacto em Meio à Seca a Desabrochar** 12
Maria Leylane Morais de Assunção, Ana Maria Tavares Duarte.
- Rodas de Conversas com Mães dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS** 13
Lisandra Oliveira e Silva, Tainara Andressa Becker Bastianello, Tatiana Martins Terragno.
- Estratégias de Resistência e Formação das Estudantes Mães no Pet Afirmação** 14
Luciene Vieira Pereira, Aline Gonçalves Lopes.
- Projeto de Extensão Facul das Crias: Espaço de Cuidado e Acolhimento às Famílias Unilabianas** 15
Malena Pereira, Marina Lima, Míghian Danae Nunes.

RESUMOS EXPANDIDOS - EIXO 1 : MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

16

- Parto Do Princípio: A (Não) Relação Maternidade & Universidade** 17
Gisele Camilo da Mata.
- O Projeto do E-Book “Narrativas Maternas na Universidade”: Relatos das Mães do CAC-UFPE”: Uma Publicação Para Evidenciar as Dificuldades Maternas na Universidade** 21
Marília Felix de Carvalho, Maria Collier de Mendonça.
- Infâncias e o Ambiente Universitário** 24
Simone Santos Kuhn, Bárbara Cardoso Aguiar, Murilo Arlaque de Abreu.
- Com Culpa Materna Não Se Destrói o Patriarcado Capitalista** 27
Carla Chagas Ramalho.
- Gênero e Docência no Ensino Superior: Desequilíbrio e Desafios da Presença das Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão na Universidade** 30
Juliana Silvestre Louven Ferreira.
- A Prática da Maternidade Entre Cientistas: Reflexões A Partir do Feminismo Matricêntrico** 33
Vívian Prado Pereira.

SUMÁRIO

RELATOS DE EXPERIÊNCIA - EIXO 1 : MATERNIDADE E UNIVERSIDADE 37

Implementação do Projeto “Acesso e Permanência de Mães na UERJ”. 38
Aline Passeri Dias, Cíntia Moreira de Souza, Tatiane Tavares da Silva Rodrigues.

Um Dia de Aula do Mestrado: 6 ônibus e Muitos Quilômetros Rodados. 41
Lizie de Souza Calmon.

Alunas-Mães Universitárias Geram Filhos e Gestam Sonhos 45
Aline Araújo da Silva.

RESUMOS SIMPLES - EIXO 2 : MATERNIDADE E CULTURA 48

Uma Análise do Maternar Contemporâneo e Suas Influências Digitais. 49
Ana Maria Oliveira dos Santos, Rosemere Olímpio de Santana.

Narrativas de Professoras Mães: (Des) Encontros Entre o Dever-Ser e o Devir-Nômade. 50
Débora dos Reis Silva Backes, Juliana Farias Santos.

A Educação Positiva com Respeito e a Parentalidade Positiva a partir da Influenciadora Flavia Calina. 51
Vitória Brenda da Silva Arruda, Rosemere Olimpio Santana.

Maternidade como Práxis Pedagógica para a Liberdade: Contribuições em bell hooks 52
Taís Lara Souza Barbas.

RESUMOS EXPANDIDOS - EIXO 2 : MATERNIDADE E CULTURA 53

Parto, Cesariana ou Adoção? Como Nasce o Performar Materno? 54
Lolita Goldschmidt.

Maternagem nas Redes Sociais: A Necessidade de Politizar os Cuidados Maternos na Contemporaneidade. 57
Rosemere Olímpio de Santana, Ana Maria Oliveira dos Santos.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA - EIXO 2 : MATERNIDADE E CULTURA 60

Apresentação de Projeto de Pesquisa Sobre as Mulheres na Amamentação Prolongada: Um Relato de Experiência 61
Ana Paula Alves Araújo, Leiner Resende Rodrigues, Marli Aparecida Coimbra.

SUMÁRIO

Repensando as Agendas de Cuidado Pós-Isolamento Social: Um Relato Sobre Uma Pesquisa de Campo na Argentina . Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo.	64
O Manejo da Amamentação no Retorno ao Trabalho: Construção das Possibilidades de Escuta e Ações Junto a Equipe Profissional. Deise de Oliveira Rezende Xavier.	67
<u>RESUMOS EXPANDIDOS - EIXO 3 : MATERNIDADE E INTERSECCIONALIDADES</u>	69
Violência Obstétrica: Performatividade de Raça e Trajetória Textual na Internet. Danielle da Silva Santos de Oliveira, Glenda Cristina Valim de Melo.	70
<u>RESUMOS SIMPLES - EIXO 4 : MATERNIDADE E SAÚDE</u>	75
Entrevistando Mães Universitárias: O Histórico da Maternidade e as Implicações nos Projetos de Vida. Marcella Sandim C. G. Ferreira.	76
Produções Sobre Violência Obstétrica e o Olhar da Psicologia entre 2012 a 2022: Uma Revisão da Literatura. Stefany Costa Silva, Mariane Teixeira Dantas Farias, Radimille Silva de Oliveira.	77
<u>RESUMOS EXPANDIDOS - EIXO 4 : MATERNIDADE E SAÚDE</u>	78
Projeto de Extensão Saúde Mental Materna e a Construção de um Espaço de Escuta e Acolhimento. Cyntia Gomes Damasceno Basilio.	79
A Centralidade Materna no Acompanhamento de Crianças com Leucemia. Ingrid de Assis Camilo Cabral, Isabele Viana Marques.	82
<u>MESAS E PALESTRAS</u>	85
<u>SESSÕES DE COMUNICAÇÃO</u>	86

RESUMOS SIMPLES
Eixo temático
MATERNIDADE E UNIVERSIDADE



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

MATERNIDADE DOCENTE – QUEM ESCUTA OU ENXERGA UMA MÃE SOLO?

Taís Ferreira¹.

Palavras-chave: maternidade solo. universidade. invisibilização. docente.

Nesta comunicação, proponho-me a problematizar a invisibilização e o silenciamento maternos nas relações laborais dentro dos espaços acadêmicos, dando especial enfoque à maternidade solo. Ao lado da emergente luta de estudantes e jovens pesquisadoras mães para a legitimação da existência de suas maternagens e de suas crianças no ambiente universitário e a busca por políticas públicas que garantam sua permanência legítima em cursos de graduação e pós-graduação, convivemos nós, servidoras públicas ou docentes celetistas, com processos que invisibilizam nossa maternidade frente às demandas universitárias. Sem flexibilização e sem espaços de discussão sobre como a maternagem atravessa nossas constituições identitárias docentes, nossas vozes quando levantadas sobre questões relacionadas às nossas demandas maternas raramente (ou nunca) são escutadas. Assim, parto da minha experiência de maternidade solo e carreira docente para problematizar as questões acima expostas, em diálogo com as colegas acadêmicas brasileiras que já vêm pesquisando e debatendo o tema nos últimos anos.

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO FEMINISTA EM SER MULHER EM MANAUS: CORPO, PARTO, SEXUALIDADE

Náthaly Palomany Santana da Silva¹, Raquel Wiggers².

Palavras-chaves: Produções Feministas. Corpo. Parto.

Ao se produzir conhecimentos e posteriormente se tornando influência para uma sociedade, particularmente os estudos feministas, contribuímos para a ciência como um todo, e, a afirmação dos sujeitos onde antes se tinha a negação desta existência. Ou seja, o movimento feminista e suas reivindicações contribuem para que as mulheres se tornem agora, produtoras de conhecimentos, não apenas um objeto de análise. Partindo disso, intelectuais feministas brasileiras pensam e recriam reivindicações sobre o corpo feminino, sobre mulheres e seus papéis sociais, estes estudos feministas oferecem um contraponto na perspectiva em que a ciência camufla as desigualdades de gênero. Ao olhar para gestação, parto e sexualidade feminina coloca-se ênfase no papel atribuído ao corpo feminino em nossa sociedade. O interesse da pesquisa é analisar a influência da produção feminista nas construções de ser mulher contemporânea, urbana em Manaus. Para isso optamos por fazer um levantamento bibliográfico da produção feminista brasileira sobre corpo, parto e sexualidades femininas.

1- Autora. Graduada no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas, Brasil (2023). Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e do NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM GÊNERO, FAMÍLIA, CONFLITOS E SEXUALIDADE. (AZULILÁS). Pesquisadora em Políticas Educacionais e Antropologia Feminista.

2- Co-autora. Graduada em Ciências Sociais – Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000) onde defendeu dissertação sobre conflitos domésticos e as formas de resolução. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2006) defendeu tese sobre identidade e pertencimento a uma comunidade rural do sul do Brasil. Atualmente é professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

O PODER DA PERSISTÊNCIA DE MULHERES-MÃES E UNIVERSITÁRIAS NO CURSAR PEDAGOGIA NA UFPE- CAA: COMO FLORES DE CACTO EM MEIO À SECA A DESABROCHAR*

Maria Leylane Moraes de Assunção¹, Ana Maria Tavares Duarte².

Palavras-chave: Mulheres – mães. Universidade. Trajetória.

O trabalho em questão se trata de uma pesquisa intitulada “O poder de persistência de mulheres-mães e universitárias no cursar Pedagogia na UFPE- CAA: como flores de cacto em meio à seca a desabrochar”. Pretendemos, a partir deste processo de escrita, apresentar a trajetória de mulheres-mães no espaço acadêmico da UFPE-CAA, tendo para isto como sujeitas de pesquisa 4 mulheres que são mães e universitárias. Como Objetivo Geral: Compreender o processo de ingresso e permanência de mulheres-mães no cursar Pedagogia na UFPE-CAA, evidenciando as dificuldades enfrentadas e os benefícios conquistados, já enquanto objetivos específicos: Identificar o perfil de mulheres-mães-universitárias no cursar Pedagogia na UFPE/CAA e Descrever as possibilidades e as dificuldades do processo de acesso e permanência de mulheres-mães-universitárias no curso de Pedagogia UFPE-CAA. Buscando atender os objetivos apontados anteriormente, adotaremos enquanto instrumentos de coleta de dados o questionário no google forms e a análise de conteúdo. Em busca de promover um diálogo acerca do acesso e permanência de mulheres-mães no Ensino Superior e as dificuldades e benefícios vivenciados, tomamos como base teóricos diversos, entre estes Bitencourt (2017); Souza (2021) e Urpia; Sampaio (2009). Sobre os resultados, concluímos que as mulheres-mães do curso de Pedagogia da UFPE-CAA, apresentam perfis diversos, mas todas afirmam que as maiores dificuldades na trajetória acadêmica são oriundas do ser mãe. Desta forma se apresenta como papel da universidade enquanto instituição macro, o planejamento que envolva investimentos que garantam o acesso e a permanência destas mulheres no ambiente acadêmico, somados a ações de conscientização dos docentes e demais profissionais.

*O artigo em questão apresenta o resultado de um projeto de pesquisa realizado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco –UFPE/CAA.

1- Pedagoga graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA. marialeylane.assuncao@ufpe.br.

2- Doutora em Psicologia pela Universidade de Deusto – Bilbao – Espanha. ana.duarte@ufpe.br

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

RODAS DE CONVERSAS COM MÃES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO DA ESEFID/UFRGS

Lisandra Oliveira e Silva¹, Tainara Andressa Becker Bastianello²,
Tatiana Martins Terragno³.

Palavras chave: Educação Física. Maternidade. Universidade.

O trabalho apresenta um Projeto de Extensão pensado e organizado por professoras e estudantes da Graduação e Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o objetivo de buscar políticas de apoio para as mães universitárias se manterem e concluírem seus estudos na Universidade. As Rodas de Conversas têm por intuito: mapear as realidades vividas por mães-estudantes dos Cursos de Graduação (Educação Física, Fisioterapia e Dança) e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da ESEFID/UFRGS. Além disso, objetivam construir espaços formativos para reflexão e diálogo que tematizem as experiências vividas das maternidades no universo acadêmico, como superação de situações de discriminação, preconceito e outras inúmeras dificuldades enfrentadas pelas quais as mães passam em suas trajetórias de estudos. A partir dos processos de escuta, diálogo e das demandas trazidas pelas estudantes-mães, busca-se avançar de forma teórica, crítica e prática, na transformação do espaço universitário como local coletivo onde essas estudantes possam ser ouvidas, sintam-se integradas e capazes de gerar transformações coletivas a partir dos seus direitos e necessidades respeitadas. Do mesmo modo, o Projeto busca sensibilizar a comunidade acadêmica sobre a pauta da maternidade para que se torne uma luta coletiva e não específica, individual e solitária de cada mãe-estudante.

1- Professora da Faculdade de Educação Física/UFRGS.

2- Graduanda em Dança/UFRGS.

3- Doutoranda em Ciências do Movimento Humano/UFRGS.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO DAS ESTUDANTES MÃES NO PET AFIRMAÇÃO

Luciene Vieira Pereira¹, Aline Gonçalves Lopes².

Palavras-chave: Mulheres Mães. Educação Tutorial. Permanência.

O PET Afirmação, enquanto um programa de educação tutorial, há mais de dez anos de história reúne entre seus integrantes a prevalência do gênero feminino e mulheres mães, oportunizando e incluindo a permanência desses corpos nos ambientes acadêmicos, afirmando que a universidade é feita pela diversidade de corpos, corpos esses que integram em si suas subjetividades, quais a universidade necessita estar vigilante para que não seja negado o acesso e, sobretudo, a permanência dos múltiplos saberes, vivências e corpos. Nessa direção, a presente pesquisa expõe reflexões urgentes e necessárias que surgiram nas rodas de conversas do Xirê Afirmação, um projeto de extensão desenvolvido pelo grupo Afirmação com objetivo de ouvir os mais diversos atores que fazem parte da construção da universidade em suas diversas áreas dos saberes. Além dos diálogos já promovidos por integrantes mães do PET Afirmação, que sempre manifestavam suas inquietações e insatisfações perante um espaço que, por vezes, não preza pelas suas permanências nos espaços acadêmicos, percebemos a necessidade da reafirmação de que mulheres pretas e mães, sim, podem ocupar os espaços da universidade pública de direito. Diante deste momento de reflexão, foi instigado o desejo de analisar e pesquisar como o PET Afirmação promove a permanência de mulheres mães na universidade, não somente com custeio financeiro, mas também no acompanhamento e orientação lado a lado destas mães que, por vezes, se distanciam das atividades acadêmicas e formativas por estarem sobrecarregadas com jornadas triplas de trabalho. Desta maneira, a metodologia utilizada para essa primeira ação foi a promoção de um momento de escuta para mães universitárias, em que estas puderam compartilhar angústias relacionadas com os temas: Maternagem Solo e Acompanhada, O Estranhamento Docente e As Dificuldades Encontradas no Dia a Dia da Academia. Neste contexto, os dados dessa pesquisa notou o ônus que mulheres mães universitárias vivenciam em suas trajetórias, apontando assim a necessidade de fomentar, engajar e, sobretudo, lutar por direitos negados institucionalmente, os quais produzem vulnerabilidade e evasão na academia, especificamente às mulheres mães. Assim, com os resultados encontrados, foi possível notar a necessidade de políticas e ações que propiciem que essas mães continuem fazendo e sendo a universidade, pensando tanto na construção de redes de apoio na academia, como também nos centros de ensino. Neste sentido, embora exista um amplo aparato que assegure o direito à educação e que busque expandir e democratizar as possibilidades de acesso na educação básica e superior (BASTIANE; ABARGE, 2018), essas políticas de permanência e bom desempenho ainda não visam as particularidades dos sujeitos.

Financiamento: FUNDEB.

1- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. vieiraluciene.ufrb.edu.br@aluno.ufrb.edu.br.
2- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. linelopes@hotmail.com.

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

PROJETO DE EXTENSÃO FACUL DAS CRIAS: ESPAÇO DE CUIDADO E ACOLHIMENTO ÀS FAMÍLIAS UNILABIANAS

Malena Pereira¹, Marina Lima², Míghian Danae Nunes³.

Palavras-chave: Maternidade. Universidade. Famílias Negras.

A Facul das Crias é um projeto de extensão vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) no campus Malês, em São Francisco do Conde, BA. O projeto nasceu após uma situação traumática ocorrida com uma de nossas estudantes guineenses: ela foi vítima de violência obstétrica em 2018. De forma muito dolorosa, percebemos que, em nossa universidade, apesar de termos diversas mães, pais e crianças circulando em nossa instituição todos os dias, não dedicávamos nosso tempo – e nem nosso espaço – para problematizar o que é ser um/a estudante negra/o brasileira/internacional e ser mãe; o projeto foi criado, assim, com o objetivo de oferecer um espaço de atenção às famílias, além de cuidado e diversão às crianças pertencentes à comunidade unilabiana. Reconhecendo a importância das redes de apoio e dos espaços de acolhimento na vida de quem vive a maternidade, tal como o fato de que a universidade pode ser um espaço excludente para pessoas responsáveis por crianças, sobretudo para mulheres, que são as que estão na linha de frente no que se refere ao cuidado das crianças, a Facul criou um espaço físico e simbólico para que pessoas responsáveis por crianças (mães, pais e outros) possam conciliar a responsabilidade de cuidar com as suas atividades laborais e acadêmicas. O projeto também proporciona aos responsáveis por crianças um espaço de partilha de experiências, de conhecimentos e afetos para o exercício da parentalidade, presencial e virtual, através de atividades de reflexão sobre permanência universitária, parentalidade e cuidado, entre outros.

1- Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Malês (BA). malenapereira90@gmail.com.

2- Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Malês (BA). marinalima.unilab2@gmail.com.

3- Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Malês (BA). mighiandanae@unilab.edu.br.

RESUMOS EXPANDIDOS
Eixo temático
MATERNIDADE E UNIVERSIDADE



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



NÚCLEO
VIRTUAL
DE PESQUISA
EM GÊNERO E
MATERNIDADE



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RESUMOS EXPANDIDOS

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

PARTO DO PRINCÍPIO: A (NÃO) RELAÇÃO MATERNIDADE & UNIVERSIDADE.

Gisele Camilo da Mata¹.

"O registro de mim mesma que é outra após a maternidade.
Sentimento partilhado com as minhas e com tantas mais.
Mas outra de mim que no parto renasceu.
Sim quatro dias em coma retorno pra vidas. A minha e a deles.
Sem útero, transfundida de sangues que pulsam quente a jornada.
Recomeço. Reinício. Reivento Re-crio e co-crio.
No luto e na luta.
Em rede e na solidude.
Reintegro e revejo. Re-trato. Retrato.
E como me vejo".

Resumo

O presente artigo apresenta o relato de experiência como trajetória narrativa do percurso de formação no mestrado no período 2019-2022, bem como em perspectiva epistemológica feminista negra. Essa data é importante para demarcar dois fatos significativos, o primeiro diz respeito a uma perspectiva vivida coletivamente que se trata da pandemia mundial do coronavírus. O segundo diz respeito a perspectiva individual e refere-se ao isolamento social como medida de biossegurança. Nesse sentido, retomo a gigante Conceição Evaristo (2006) em que a gente "(...) combinou de não morrer" e tornou-se, com essa afirmação de resistência, exemplo para as que vieram depois. Exatamente por e além disso que, um percurso previsto para encerramento em dois anos levou três anos para conclusão. Isso por que diversos fatores somaram-se as questões coletivas e individuais, tais como deslocamento do campo de

investigação, mudança de orientação e estabelecimento de novos vínculos, construção do referencial teórico da pesquisa que foi facilitado pela participação em vários espaços de debates. Referencial sobre a relação maternidade, universidade e ciência e que destaco a participação em duas edições dos cursos ofertados pela UFRJ por meio do Projeto Mães na Universidade. Na edição um do curso sobre Estudos Críticos da Maternidade participei como cursista e na edição dois do curso Escrevendo sobre Maternidade estive organização e também como monitora.

Palavras-chave: Maternidade. Universidade e Ciência. Epistemologia Feminista Negra.

Maternidade para além dos muros da academia

Escrevo esse relato sobre minha experiência que pode ser considerada exitosa no mestrado na medida em que concluí a formação e realizei a pesquisa que objetivava. Porém, sem romantizar essa experiência, ao contrário, escrevo não sem traços de insegurança, mas amparada por minhas ancestrais, exemplo no qual mirei e nas mulheres negras referências contemporâneas nas ciências, na docência, na pesquisa e nas diversas áreas do conhecimento para prosseguir.

A diversidade, pluralidade e complexidade das experiências de maternidades é inegável. Por isso mesmo, urge ampliar o conceito acerca da maternidade no Brasil que, histórica, simbólica, cultural e socialmente convencionou conformar essas vivências no âmbito privado/doméstico. Esse é um movimento que inicio na pesquisa de mestrado e também demonstra como atrelou-se a maternidade à conjugalidade em nossa sociedade e elegeu esse modelo como hegemônico.

É importante destacar essa percepção porque sou mulher negra, mãe solo de um casal de gêmeos que vivencia a maternidade atípica, pois um deles têm o diagnóstico em Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Então, em termos práticos, essas identidades que me atravessam, simultaneamente, apresentam gênero, classe e raça que interconectados demarcam qual mulher, qual classe e qual maternidade fazem parte desse escopo patriarcal. Ainda que vivenciar cotidianamente essa experiência seja visceral, o entendimento e a problematização enquanto campo de investigação científica foi oportunizada pela formação realizada através do curso Estudos Críticos da Maternidade parte do

Projeto de Extensão da UFRJ – Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão de mães.

Foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado o encontro com o referencial teórico, o que só aconteceu ao estar nesse espaço de produção de conhecimento. Volto na segunda edição do curso e, dessa vez assumiu contornos mais direcionados à escrita, seja para seleções do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), seja para o mestrado ou doutorado, ou ainda para quem escreve em mídias sociais e/ou promove divulgação científica sobre a temática da maternidade. Meu retorno nessa segunda edição ocorre pós momento de qualificação no mestrado e em momento que estou escrevendo a dissertação para defesa. É importante destacar essa etapa, pois participo como monitora e na organização do curso, o que me trouxe ainda mais embasamento teórico-crítico.

Perspectiva Metodológica

Um destaque igualmente caro de perspectiva metodológica, é o fato de ter cunhado na pesquisa o termo Mãestranda, e com “M” maiúsculo para devido reconhecimento e visibilidade da experiência. E porque é tão importante marcar essa informação aqui?

Inicialmente por que o termo busca problematizar sobre ser mulher negra, mãe atípica em formação acadêmico-científica como proposta de mudança epistêmica corroborando com Giovana Xavier ao informar a academia brancocêntrica e eurocêntrica, que é possível “substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história”. (XAVIER, 2019).

Também para abranger e designar a experiência da maternidade em geral e da maternidade atípica em

particular no percurso de formação do mestrado, com todas as escolhas (im)possíveis que se impõe. Especialmente ao se considerar que para muitas situações as escolhas simplesmente são, não há possibilidade real de escolha. Paralelamente, corroborando com Winnie Bueno (2020) que analisando a obra "Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento" de Patricia Hill Collins nos convida a refletir sobre como histórica e culturalmente, "apesar de ninguém conhecer os problemas pelos quais a mulher negra passe, todos sentem-se qualificados para qualificar sua maternidade, até pra ela mesma". (BUENO, 2020, p. 79)

Afirmção semelhante feita por Trudier Harris e também mobilizada por Collins como ponto de vista autodefinido, conceito que diz respeito à epistemologia feminista negra que apresenta em sua obra. Essa é uma premissa fundamental que, aliada a um olhar interdisciplinar nos discursos que cercam a maternidade intersectada por raça, gênero, classe e deficiência me auxiliaram a entender a construção discursiva da sujeita mãe como a entendemos e a reconhecemos hoje em nossa sociedade.

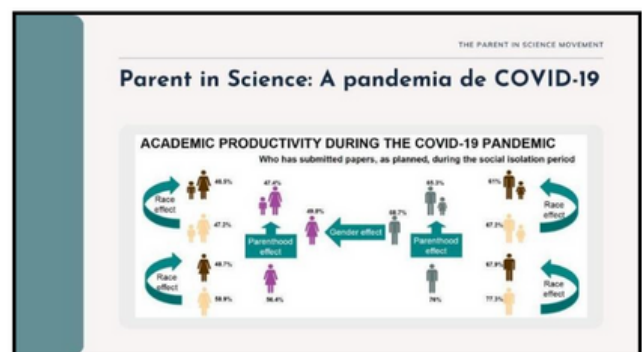
Maternidade como movimento de mudança epistêmica

Decidi trazer esse relato de experiência como meu ponto de vista autodefinido, tal como nos ensina Collins, para acrescentar ao debate da maternidade, as questões sobre maternidade atípica, produtividade acadêmica e pandemia mundial. A relevância central dessa proposição está em duas questões centrais que me mobilizam nesse trabalho.

A primeira diz respeito a potência e resistência em especial da maternidade negra e da maternidade

em geral para continuar mesmo e apesar das interdições no percurso. A segunda é compartilhar minha defesa que configurou mecanismo político e de articulação ativista para referenciar a inclusão da maternidade nas abordagens como movimento de mudança epistêmica.

Ao mesmo tempo, chamar atenção para outro debate: a produtividade acadêmica. A pandemia mundial escancarou as desigualdades de gênero, a relação do cuidado e as diversas formas de violências que as mulheres enfrentaram e enfrentam em nossa sociedade. Para esse debate trouxe os dados sobre produtividade acadêmica produzidos pelo Movimento Parent in Science em 2020 durante a pandemia:



Fonte: Pesquisa Parent in Science (2020)

Esses dados, quantitativamente, visibilizam e auxiliam na problematização do impacto da maternidade na produtividade científica de mulheres mães, sejam discentes, docentes, pesquisadoras e/ou cientistas. Trazer esse relato atrelado aos dados aqui apresentados intenta, a partir desses pressupostos, refletir sobre a representação da maternidade em nossa sociedade patriarcal, bem como analisar às barreiras postas à formação acadêmico-científica da mulher mãe.

Referências Bibliográficas:

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre, RZ: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 1 ed. São Paulo: Pallas Editora, 2006.

FONTEL, Luana. Mães na universidade: Performances discursivas interseccionais na graduação. Dissertação de M.Sc., Faculdade de Letras/UFRJ. Rio de Janeiro: Brasil, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PARENT IN SCIENCE. Relatório de Atividades 2016-2021. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_be4c284828694041803db8f8aa86d259.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine. @Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história. Rio de Janeiro: Editora Male, 2019.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

O PROJETO DO E-BOOK “NARRATIVAS MATERNAS NA UNIVERSIDADE: RELATOS DAS MÃES DO CAC-UFPE”: UMA PUBLICAÇÃO PARA EVIDENCIAR AS DIFICULDADES MATERNAS NA UNIVERSIDADE

Marília Felix de Carvalho¹, Maria Collier de Mendonça².

Palavras-chave: maternidade na universidade. permanência acadêmica. maternagem. narrativas maternas.

Segundo o Instituto Semesp, em 2020, as mulheres representavam 57% do corpo discente das universidades brasileiras. De acordo com o informativo do Parent in Science, de 2021, sobre mulheres e maternidade no ensino superior brasileiro, um em cada dez estudantes da graduação no ensino superior federal brasileiro (incluindo homens e mulheres) possui filhas ou filhos. Para conciliar estudos com a criação das filhas e filhos, mães e pais precisam de uma rede de apoio, principalmente quando se trata das mães solo que, segundo o IBGE, representam cerca de 15,3% dos arranjos domiciliares no Brasil.

Frente a esse cenário, percebeu-se a necessidade de relatar as narrativas das experiências cotidianas de algumas mulheres que compõem a comunidade acadêmica do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAC-UFPE). Tendo como questão central, evidenciar e compreender dificuldades e desafios maternos a partir dessas vivências, a proposta do projeto “Narrativas maternas na universidade: relatos das mães do CAC-UFPE” foi de registrar os relatos das experiências cotidianas de nove mães que integram este Centro, desde a graduação, pós-graduação até a docência, por meio de artigos jornalísticos que se tornaram os capítulos de um e-book, o qual resultou no produto final desta iniciativa.

Além disso, o projeto também incluiu a produção de um podcast, no qual foi realizada uma conversa com uma das mães entrevistadas para se discutir as principais problemáticas evidenciadas nos relatos do livro digital. A motivação geral desta iniciativa foi dar visibilidade às dificuldades enfrentadas por mulheres mães que pretendem concluir seus cursos de graduação, obter seus diplomas de pós-graduação ou exercer a carreira acadêmica nas áreas de artes e comunicação da UFPE. Outro esforço importante foi apontar a necessidade de apoio e desenvolvimento de políticas de suporte institucional para a inserção, permanência e progresso das mães em nossa universidade.

Dessa forma, o projeto teve como objetivo entrevistar nove mães, estudantes de graduação, pós-graduação e docentes do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, para registrar os seus relatos de experiências maternas e atividades acadêmicas a fim de compreender os modos como a experiência cotidiana de serem mães na universidade as afeta. A metodologia aplicada no trabalho incluiu, primeiramente, a realização de entrevistas para apurar qual era a realidade de cada mãe; com as decupagens das entrevistas, foram selecionados os pontos mais importantes para a elaboração e

1- Estudante de graduação do curso de jornalismo na UFPE. E-mail: marilia.felix@ufpe.br.

2- Professora do Departamento de Comunicação da UFPE e coordenadora do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância na UFPE. E-mail: maria.cmendonca@ufpe.br.

redação dos textos; após a revisão dos textos, foi iniciado o trabalho de diagramação gráfica e, posteriormente, a publicação do e-book. O produto final compreendeu nove relatos de mães que integram o CAC-UFPE, dentre essas, seis realizam cursos de graduação, uma é estudante de doutorado e duas delas são professoras.

O processo de construção do material também incluiu a produção de um podcast de dez minutos para divulgação do e-book. Após o material ser publicado com os relatos de mães no contexto universitário, foi possível destacar parte relevante das dificuldades que elas enfrentam. Também foi demonstrado como a Universidade Federal de Pernambuco ainda carece de meios que forneçam o suporte necessário dirigidos a essas mães para que elas consigam permanecer e progredir nas suas atividades.

A autora do projeto considera que a construção do e-book foi muito relevante para que ela pudesse exercitar aprendizados essenciais do curso de jornalismo. A condução das entrevistas, o modo de transcrevê-las, a escrita de textos jornalísticos e a formatação dos artigos foram trabalhos importantíssimos para que ela aplicasse, na prática, os aprendizados teóricos transmitidos nas aulas da graduação.

Por fim, os procedimentos metodológicos aplicados para se chegar ao produto final foram: convocação de mães do CAC UFPE que desejassem ser entrevistadas; agendamento de datas e horários para as entrevistas; realização de nove entrevistas através do Google Meet com mães integrantes da comunidade acadêmica do CAC; transcrição das entrevistas para a escrita dos nove artigos jornalísticos sobre as experiências dessas mulheres;

revisão dos artigos antes da publicação; diagramação do e-book; revisão final do livro digital; gravação do podcast; edição do podcast com o auxílio de um colaborador externo; entrega do podcast de dez minutos e respectiva veiculação no canal do Spotify das produções geradas com suporte da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC), vinculada ao Programa de Estímulo à Cultura (PEC), oferecido pela Diretoria de Cultura e pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (PROExC UFPE). Por fim, a entrega, publicação e divulgação do e-book diagramado na página do ISSUU da Diretoria de Cultura e pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (PROExC UFPE). Também houve divulgação do e-book nos perfis do Instagram do Programa de Bolsas BICC (@bicc.ufpe), de Extensão e Cultura da UFPE (@extensaoecultura.ufpe) e do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe), do qual a autora e orientadora deste e-book fazem parte.

Após a publicação do e-book, consideramos que os nove relatos maternos podem ser evidenciados como exemplos de uma parcela da comunidade acadêmica que necessita ser auxiliada por ações direcionadas.

O material também foi importante para revelar uma realidade dura e, ainda invisível na UFPE, que é a presença das mães na universidade. A falta de dados sobre essa comunidade demonstra o atual descaso com esse público. Não há registros específicos da quantidade de mães presentes nos espaços universitários, tampouco se sabe o quão precárias são as redes de apoio necessárias para que essas mulheres possam cuidar de suas crianças, estudar e garantir sua renda familiar sem que se sintam desamparadas nem sobrecarregadas.

Além disso, o e-book pode ressaltar o quanto é urgente pensarmos no debate, desenvolvimento e implementação de políticas direcionadas à maternagem, a serem realizadas pelas mães biológicas ou qualquer outra pessoa que exerça o mesmo papel, independente do gênero. Adicionalmente, o e-book também poderá reverberar em outras mães que ocupam os espaços universitários de modo a incentivar a permanência delas nesses locais, apesar de tantos desafios e dificuldades.

Referências Bibliográficas:

PARENT IN SCIENCE. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19 Informativo Parent in Science, 03 jul. 2020. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PARENT IN SCIENCE. Mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil. Informativo Parent in Science, mar. 2021. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf / Acesso em: 18 set. 2021.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

INFÂNCIAS E O AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Simone Santos Kuhn¹, Bárbara Cardoso Aguiar², Murilo Arlaque de Abreu³.

Palavras-Chave: Infâncias. Maternidades. Universidade.

No presente relato de experiências apresentamos e refletimos acerca das ações realizadas no Projeto de Extensão ESEFID ACOLHE INFÂNCIAS. Esse projeto vem sendo construído pelo Coletivo Mães F3P-EFICE, composto por mães/professoras/pesquisadoras (trabalhadoras de instituições públicas da Educação Básica e do Ensino Superior) e por estudantes de Graduação (bolsistas de extensão e de iniciação científica).

O Coletivo Mães F3P-EFICE procede do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Teve início em 2019, com a pesquisa autoetnográfica de doutoramento de uma de suas integrantes (BINS, 2020; BINS, SILVA, 2019). A partir desse trabalho, ficou evidente o quanto a maternidade impacta a vida das mulheres e o quanto as formas de viver essa experiência mudam os olhares das professoras de Educação Física em relação às suas docências. Desde então, temos realizado buscas por trabalhos que tematizam relações entre a maternidade e a docência em Educação Física e identificado que são, praticamente, inexistentes.

Diante disso, compreendendo a urgência e a relevância social de

incluir o tema da maternidade nas discussões da área de conhecimento da Educação Física, elaboramos um projeto de pesquisa intitulado "Maternidade, Docência e Educação Física: impactos dessas experiências construídas na formação inicial, na formação permanente e no trabalho de professoras da Educação Básica e do Ensino Superior no Rio Grande do Sul." A esse projeto de pesquisa, que será realizado em um período de cinco anos, estão vinculados dois projetos de extensão, que ocorrem concomitantemente: "Rodas de Conversa: Maternidade, Docência e Educação Física" e "ESEFID Acolhe Infâncias".

O Projeto de Extensão ESEFID ACOLHE INFÂNCIAS objetiva propor ações que sensibilizem a comunidade da ESEFID, e, a partir disso, os espaços e os tempos do Campus, em relação às crianças e às diferentes infâncias.

Assim, para além de proporcionar espaços de reflexão e de discussão, estamos investindo na prática do acolhimento às crianças e às diferentes infâncias na ESEFID/UFRGS. Estamos construindo espaços que acolham as crianças filhas das mães estudantes da Graduação e da Pós-graduação com propostas lúdicas, recreativas e artísticas, que possibilitem às crianças viverem suas infâncias e suas potencialidades no ambiente Universitário.

1- ESEFID/UFRGS. E-mail: simonesantosk@gmail.com.

2- ESEFID/UFRGS. E-mail: Babihaguiar@hotmail.com.

3- ESEFID/UFRGS. E-mail: murilo.abreu71@gmail.com

Após o período de distanciamento social em decorrência da pandemia da COVID-19, com o retorno das atividades presenciais em 2022, nossos projetos de extensão receberam o apoio da Direção da ESEFID/UFRGS, que autorizou o uso de uma casa localizada no Campus Olímpico da UFRGS. Desde então, temos nos dedicado às adaptações estruturais necessárias para que esse espaço se torne de fato acolhedor para as mães universitárias e para suas crianças.

Em julho de 2022, iniciamos ações de divulgação dos projetos por meio de redes sociais e de encontros presenciais mensais para apresentação do nosso coletivo e da casa, que, por ora, vem sendo chamada de "Casa Acolhe Infâncias" ou de "Casa Rosa", conforme vêm sugerindo várias das crianças que a têm visitado. Além desses encontros mensais com atividades específicas, atualmente, a casa está aberta em quatro turnos por semana, de modo que toda a comunidade da ESEFID e demais pessoas que se sentem mobilizadas são bem-vindas. Por enquanto, devido às adaptações que ainda estão em andamento na casa, as crianças têm participado com a presença de adulto responsável.

Embora o PROJETO ACOLHE INFÂNCIAS esteja ainda em fase inicial, temos recebido retorno das estudantes a respeito da sua importância para as mães universitárias, visto que um dos motivos relatados para o abandono dos estudos consiste na impossibilidade de ter uma rede de apoio com quem deixar as crianças, e, ao mesmo tempo, nas dificuldades e constrangimentos implicados em levar as crianças para aulas ministradas por docentes alheios e insensíveis às situações enfrentadas pelas mesmas e por suas mães. Estas, muitas vezes, com suas vidas atravessadas simultaneamente pelos diversos

marcadores de desigualdades e violências sociais (raça, gênero, classe social).

As crianças que têm participado do projeto têm demonstrado rápida adaptação e afeto pelas pessoas envolvidas e pela Casa Rosa. Elas têm se envolvido na exploração do ambiente, que conta com um pátio amplo e arborizado, e muitos brinquedos interessantes, que temos recebido por meio de doações da comunidade ESEFID/UFRGS. Sua presença na casa proporciona momentos prazerosos de brincadeiras e de socialização entre adultos e crianças, em meio a estudos e diálogos densos sobre o que significa ser mãe e estudante na Graduação e na Pós-graduação.

Através das ações que realizamos, temos nos convencido cada vez mais de que o ambiente universitário também deve ser das crianças, o que é pouco considerado quando se afirma que a universidade pública deve ser um espaço para todos. Nesse sentido, temos buscado compreender o que é acolher as infâncias no ambiente universitário. E, isso, nos aproximando das cosmopercepções indígenas e africanas (AMADIUME, 1998; 2001; MALOMALOO, 2019; OYÉWUMÍ, 2004; 2016; 2018), cujas concepções nos mostram que o cuidado e a responsabilidade envolvidos na maternagem não precisam ser da maneira solitária e sobrecarregada como acontece nas sociedades capitalistas ocidentais, mas podem ser vividos de maneira mais coletiva, preservando a integralidade humana e a saúde mental das mães.

Referências Bibliográficas:

AMADIUME, Ifi. Male daughters, female husbands: gender and sex in frica society. 6. ed. London/New York: Zed Book, 1998.

AAMADIUME, Ifi. Reiventing Africa: Matriarchy, religion and culture. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2001.

BINS, Gabriela Nobre. Tecendo saberes, tramando a vida - a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira. Maternidade e docência: tecendo fios da vida. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 2. Porto Alegre. Anais. 2019. MALOMALO, Bas'llele. A justiça teórico-política ao matriarcado para se pensar a África contemporânea. Revista da ABPN, v. 12, n. 31, p. 48-71, dez. 2019/fev., 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 01-08, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MADOLNADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. Tradução Wanderson Flor Nascimento. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, p. 57-92, 2016.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

COM CULPA MATERNA NÃO SE DESTRÓI O PATRIARCADO CAPITALISTA

Carla Chagas Ramalho¹.

Palavras-chaves: Culpa. Mulher. Patriarcado. Capitalismo.

Numa hipotética situação de ter que explicar o nosso mundo atual para um(a) alienígena, seria de difícil compreensão para o(a) mesmo(a) o relato que em um local com tantos imóveis abandonados, tenhamos tantas pessoas desabrigadas, ou a quantidade de alimentos que se estragam enquanto muitos(as) morrem de fome, ou ainda como ha uma desigualdade esmagadora de pobres pretos(as) comparando com pessoas de pele clara. Se pararmos para refletir por alguns minutos, veremos como naturalizamos atrocidades dentro do nosso convívio e da nossa sociedade. Muitas dessas situações, digamos, constrangedoras, que foram citadas, perpassam por um inconformismo real da população, mas se acalmam pela naturalização e pela falta de um diagnóstico objetivo da sua origem.

A utilização de meandros para destacar partes de uma realidade ou até mesmo trazer a dúvida se a realidade existe num mundo “pós-moderno”, gera e fomenta a falta de base para analisar fatos e situações que norteiam nosso cotidiano. Assim, este trabalho surge por uma inquietação diagnóstica da realidade da mulher na sociedade capitalista, e tem como objetivo primário analisar como a culpa impulsiona a subalternização da mulher-mãe numa sociedade hierárquica.

Para isto, a base teórica desta reflexão é o materialismo histórico dialético, pois o mesmo compreende que o objeto de estudo deve ser visto na sua totalidade e sua divisão deve ser apenas didática (GIL, 2008). A pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) é o instrumento metodológico, tendo como referencia textos de Marx (2017), Marx e Engels (2019), Izquierdo (2013), Lerner (2019).

A delimitação de conceitos é ação significativa neste estudo, para não haver dúvida dos parâmetros conceituais utilizados. Então, de forma resumida temos as seguintes definições:

- Sistema sexo-gênero – a relação intrínseca entre o sexo biológico que se nasce (sexo) e da cobrança social (gênero) de gestos e posturas, que atribuem posições sociais (IZQUIERDO, 2013).
- Divisão sexual do trabalho – relaciona a capacidade de modificação da natureza (trabalho) a cada sexo especificamente (MARX; ENGELS, 2019)
- Patriarcado – a manifestação e a naturalização da dominação do homem masculino sobre as mulheres na estrutura social (LERNNER, 2019).
- Cuidado – o cuidado imediato no âmbito doméstico e social é designado à mulher como atribuição primária da sua construção de gênero

1- Professora do Departamento de Educação Física e do Desporto – Universidade Estadual de Montes Claros Mestra em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutoranda em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do PCRH – FAPEMIG. E-mail: carlaramalho.ccr@gmail.com.

(IZQUIERDO, 2013).

- Capitalismo – modo de produção que rege a vida social e visa a mais valia através de uma complexa estrutura de alienação do trabalho (MARX, 2017).

Necessário enfatizar que essas conceituações resumidas foram apenas uma forma de trazer para o debate teorias importantes mais que não se limitam nessas poucas linhas de anos de estudo das(os) estudiosas(os). Através do materialismo histórico dialético, há a compreensão que os conceitos supracitados se relacionam constantemente durante o dia a dia de todas as pessoas. A relação entre o sistema sexo-gênero e cuidado, abarca um dos motivos de silenciamento das mulheres mais impulsionadores: a culpa. Izquierdo (2013) retrata como as mulheres, através da socialização feminina, são estimuladas a ter o cuidado como algo inato da sua natureza e, este cuidado, sempre remete a alguém, sem ter um resultado material sobre sua ação. Ou seja, na divisão sexual do trabalho, as mulheres são responsabilizadas por ações que não tem materialidade e que para serem consideradas adequadas e/ou bem feitas, dependem de quem é cuidado. Uma das armadilhas mais ardilosas para as mulheres, depender dos olhos do outro (o cuidado) para ter reconhecimento.

Diagnosticar este processo é pertinente para a avaliação de como podemos romper com este martírio cíclico em que meninas são estimuladas ao cuidar desde tenra idade, incentivadas a manejos delicados, postura casta e recatada, e na idade fértil incentivadas o que seria o ápice social da sua vida, a gestação – o cuidado da sua prole. Como se fosse à prova final de que é merecedora de todo reconhecimento, pois pode ter a responsabilidade exclusiva de cuidar de outra.

O/A recém nascido(a) não tem parâmetro e nem uma função cognitiva para avaliar sua cuidadora, mas a sociedade cumpre esse papel.

E a sociedade julga se a genitora (que antes de tudo é mulher) é merecedora do título de “boa mãe”. Esta mulher, estimulada desde sempre a ser reconhecida pelo outro, espera e depende deste reconhecimento; o que a prende em uma gaiola invisível e a torna refém de uma avaliação positiva perpetuamente.

Através da busca desse rótulo, há a culpa por sempre ter algo pra fazer e para sanar, pois, seu trabalho é cíclico. E, com a culpa, a maioria das mulheres se dedica parte ou todo o seu tempo a esta demanda, ao invés de questioná-la. Izquierdo (2010) em outra obra nos mostra que enquanto naturalizarmos que o homem é o provedor e as mulheres as cuidadoras, não teremos tempo para lutarmos por salários dignos, ou ainda, por uma sociedade justa e igualitária em todas as demandas, inclusive as de provento e de cuidado. Esta naturalização do cuidado se reflete na cotidiana tripla jornada (SILVA, 2017), como também na necessidade de uma rede social de apoio (LOPES; RAMALHO, 2022, no prelo) para que as mulheres mães consigam sair do ambiente doméstico para realizações que sejam palpáveis no mundo exterior aos seus lares.

A resultante de um processo de feminilização no capitalismo, onde o ideário de hierarquização embasa nossas vidas, sendo que uma maioria encontra-se na base da pirâmide sustentando pouquíssimos que estão no seu topo, o papel da mulher é visto como menos importante e merecedor de passar pelo aval de outras pessoas. O sistema sexo-gênero é um potente propulsor das raízes capitalista, pois incentiva a naturalização de um grupo acima do outro e melhor, muitas vezes sem violência, apenas de maneira lúdica, como os primeiros artefatos infantis destinados para as meninas.

Faz-se necessário frisar que as amarras da culpa não são desenvolvidas através de designar os cuidados como uma atribuição feminina, mas sim nessa designação social ser exclusivamente feminina. Por esta demanda, a culpa da

maternidade nos impede e dificulta alcançarmos voos tão comuns e pertinentes para homens, como uma viagem de negócios, uma oportunidade de trabalho distante da família, completar uma graduação, participar de grupos politizados (com debates que demandam tempo). Pois, a rotina das mulheres parte do princípio do cuidar como primário e as demais ações como apêndices.

Por este motivo, com culpa materna não se destrói o patriarcado capitalista. A lógica de superioridade masculina estará sempre vigente se não entendermos que nosso trabalho vai além do aval dos mesmos, ao interpretarmos o cuidado como ação necessária para a vida humana e, por este motivo, vital e como um trabalho que todas as pessoas devem se responsabilizar, independente do seu sexo. Tornando as cobranças sociais de gênero como marcadores que devem ser excluídos e não fomentados, para uma sociedade justa e igualitária.

Concluimos que através do sistema sexo-gênero e da divisão sexual do trabalho há raízes profundas e frutíferas para a sociedade que hierarquiza pessoas através de suas classes. Logo, para romper com amarras que impedem que todas as pessoas estimulem suas habilidades e vontades genuínas, o capitalismo deve ruir para dar lugar para uma construção de ideais igualitários, sem expectativas de gêneros e com uma reciprocidade entre os sexos.

Referências Bibliográficas

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IZQUIERDO, María Jesús. La construcción social de género. In: DÍAZ, Capitolina (org). Sociología y Género. Madrid: Tecnos, 2013.

LERNNER, Gerda. A criação do patriarcado: uma história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOPES, Lorrane Martins; RAMALHO, Carla Chagas. Rede Social de Apoio e a maternidade durante o curso de Educação Física. Revista Eletrônica Nacional de Educação Física. Edição Especial – Anais do V Simpósio de Pesquisa em Educação Física (2022), 2022. No prelo.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Marx; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã: crítica das mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SILVA, Juliana Márcia Santos. Mães adolescentes negras na UFBA: as interseções entre maternidade, raça, trabalho e ensino. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27167/1/TCC%20completo_juliana%20marcia%20santos%20silva.pdf. Acesso em: 06 out. 2022.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

GÊNERO E DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: DESEQUILÍBRIO E DESAFIOS DA PRESENÇA DAS MULHERES NOS ESPAÇOS DE PODER E DECISÃO NA UNIVERSIDADE

Juliana Silvestre Louven Ferreira¹.

Palavras-chave: ciência. desigualdade de gênero. educação.

Questão Central

A análise sobre as relações entre gênero e educação é importante na sociedade contemporânea, sobretudo para a definição de políticas públicas no campo educacional. As desigualdades de gênero estão presentes na história da educação, onde as mulheres foram excluídas de importantes áreas, tais como, a educação e o mercado de trabalho, sendo incluídas lentamente no campo educacional, desencadeando em consequências que foram prejudiciais à participação das mulheres, sobretudo na ciência e áreas afins. Esse trabalho tem como intuito analisar a participação das mulheres nos espaços de poder e decisão da UFF e UFRJ, assim, foi feito um levantamento na estrutura organizacional dessas universidades, investigando os dados das mulheres que atuam nos Conselhos Universitários e como Pró-Reitoras. A escolha pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro considerou que elas são as maiores do Estado do Rio de Janeiro, com campi presentes em diferentes cidades do estado. Realizou-se também uma entrevista com a Pró-Reitora de Graduação da UFF, professora Alexandra Anastácio, onde ela compartilhou os desafios que enfrentou ao longo de sua trajetória acadêmica, compartilhando como ela

conciliou a maternidade com a sua carreira e sua atuação como Pró-Reitora. O conhecimento da história de vida da Pró-Reitora Alexandra Anastácio, configura um registro importante que também está relacionado às histórias de outras mulheres que seguem em busca de uma equidade na carreira acadêmica e ao aumento de sua participação nos cargos elevados da carreira universitária.

Metodologia Proposta

A metodologia quantitativa foi empregada para obter os dados da participação das mulheres nos Conselhos Universitários da UFF e da UFRJ, onde foi realizado um levantamento do quantitativo da presença de homens e mulheres nos Conselhos Universitários da UFF e da UFRJ, através dos sites dessas universidades, que disponibilizam o número de componentes presentes nos Conselhos Universitários. Consideramos importante analisar o quantitativo de mulheres nesses órgãos, pois, através deles, as principais decisões sobre a Universidade sejam no âmbito político, administrativo e institucional são tomadas, nesse sentido, é fundamental que as mulheres também estejam atuantes nos Conselhos Universitários.

Entendemos a importância do Conselho Universitário, por ele ser o órgão máximo de uma Universidade, assim sendo, comparar o quantitativo de homens e mulheres nesse espaço, corrobora com o caráter analítico do trabalho proposto. Através dos números obtidos, foi possível identificar que, o número de mulheres é menor que o de homens presentes nos Conselhos Universitários da UFF e da UFRJ, evidenciando que, não ocorre de maneira equitativa a participação das mulheres nesses espaços.

Para a realização da entrevista com a Pró-reitora de Graduação da UFF, professora Alexandra Anastácio, foi empregada a metodologia de pesquisa narrativa, onde, através do compartilhamento pela professora Alexandra Anastácio de sua história de vida e acadêmica, foi possível obter dados importantes que atravessaram a sua carreira, trazendo um recorte sobre a sua maternidade e os desafios que ela enfrentou para conciliar o seu papel de mãe com a sua carreira universitária.

Conclusões Parciais

A maternidade não pode ser uma escolha excludente, onde mães são afastadas do ambiente acadêmico ou não têm seus direitos garantidos pelo simples fato de serem mães. A sociedade, através da luta das mulheres, evoluiu nos últimos anos, fazendo com que as mulheres ocupassem espaços que há anos não era cogitado, como por exemplo, a presidência da república ou a reitoria de uma universidade. Porém, através das contribuições dos estudos de Bell Hooks, do relato da professora Alexandra e de tantas outras mulheres, sejam estudantes ou profissionais, constatamos o quanto ainda precisamos avançar para que a sociedade contemporânea seja equitativa para homens e mulheres, sendo esse o caminho para uma sociedade mais justa.

A pesquisa em questão considera urgente algumas indagações que necessitam serem investigadas, sendo baseadas em dados que permearam esse trabalho, apontando que o número de mulheres nos Conselhos Universitários é menor que dos homens, assim como o número de mulheres que atuam como Pró-reitoras ou reitoras nas universidades federais brasileiras.

É necessário ampliar os estudos sobre as desigualdades de gênero no âmbito universitário, enfatizando o recorte da maternidade nesse contexto, de modo que os dados que essa pesquisa se propõe a investigar sirvam de base para o desenvolvimento de soluções que possam combater o sexismo nos níveis mais altos da carreira acadêmica, através de ações afirmativas eficazes que alcancem a equidade de gênero, possibilitando que mais mulheres estejam presentes nos cargos elevados da carreira universitária e que elas exerçam seu direito de serem mães, independente dos cargos que elas almejam atuar.

Explicitação da Relevância do Estudo para o Debate sobre Maternidade

Os desafios impostos pelas mulheres para se adequarem ao modelo de produtividade acadêmico é imenso, onde o seu currículo lattes é avaliado considerando o número de publicações, os trabalhos cumpridos dentro do prazo. Para as mulheres mães, os desafios são ainda maiores, tendo que lidar com as múltiplas tarefas que a maternidade exige, sendo invisibilizadas, em determinadas circunstâncias, pela própria Universidade, que deveria ser um ambiente acolhedor e flexível. Considerando que as mulheres que estão na carreira acadêmica enfrentam desafios de conciliar o trabalho com a maternidade (para aquelas mulheres que optaram em serem mães), a baixa representatividade feminina

em determinadas áreas, tendo que superar as discriminações de seus pares, constatamos o quanto é urgente trazer para o trabalho proposto essas reflexões, através de dados consistentes e atuais que corroborem para ampliar as discussões sobre essa temática. A maternidade não pode ser uma escolha excludente, onde mães são afastadas do ambiente acadêmico ou não têm seus direitos garantidos pelo simples fato de serem mães. Nesse sentido, abordar essas questões, ampliando o seu debate, podem contribuir para que políticas públicas de incentivo à participação das mulheres mães nos espaços acadêmicos, sejam implantadas, favorecendo a permanência das mães e sua ascensão na carreira universitária.

Referências Bibliográficas:

AMBROSINI, Anelise Bueno. A representação das mulheres como reitoras e vice-reitoras das Universidades Federais do Brasil: um estudo quantitativo. XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária. Mar Del Plata, 2017. Disponível em: [BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181013/101_00162.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Das%20063%20universidades%20federais%20existentes,representatividade%20de%20mulheres%20no%20cargo. Acesso em 31 out. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à cultura". In: Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio, Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998, pp.39-64.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Estudos Feministas, v. 3, n. 2, pp. 464-478, 1995.

SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? São Paulo: EDUSC, 2001.

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

A PRÁTICA DA MATERNIDADE ENTRE CIENTISTAS: REFLEXÕES A PARTIR DO FEMINISMO MATRICÊNTRICO

Vivian Prado Pereira¹.

Palavras-Chave: feminismo. maternidade. universidade.

Partindo do pressuposto de que o feminismo tem avançado na pauta dos direitos reprodutivos, mas ficando aquém do debate relativo aos direitos das mães, o presente artigo tem por objetivo refletir, a partir de uma perspectiva matrifocal, sobre o exercício da maternidade e suas múltiplas práticas na sua inter-relação com o trabalho acadêmico. Fazendo uso de uma metodologia que mescla auto narrativa com análises ampliadas, pautadas pela ciência e pela experiência pessoal e profissional, buscaremos fazer apontamentos acerca dos atravessamentos entre a ofício de cientista e o exercício da maternidade. Trata-se de uma análise pautada na autoexperiência de uma jovem mãe cientista vinda de uma trajetória de esforços para conseguir conciliar maternidade e trabalho acadêmico e que com a pandemia de Covid-19, se viu, nos anos de 2020 e 2021, às voltas com a tarefa de finalizar sua tese de doutorado e dividir o espaço de trabalho, ou seja, a casa, em tempo integral com o restante da família.

O trabalho visa empreender um esforço de defesa de um feminismo matricêntrico, plural, interseccional, pautado em reflexões subjetivas a respeito da correlação entre as práticas maternas e a vida acadêmica, possibilitando, ademais, a

visibilização das desigualdades e injustiças ensejadas nos espaços institucionais. Entende-se que, ao desvelar a realidade materna na ciência e nas universidades, abre-se espaço para ampliação do debate feminista contribuindo para a criação de pequenas brechas e diminuição de desigualdades patentes.

A emergência da pandemia de Covid-19 no ano de 2020 explicitou as desigualdades de gênero, em especial no que tange às mães e suas múltiplas jornadas de trabalho. Se até então o trabalho feminino de reprodução e cuidado era ao menos em parte compartilhado, com o fechamento de creches e escolas recaiu sobre maioria das mães a exclusividade pelo cuidado com os filhos.

No âmbito da academia, apesar do resultado evidente em termos de queda na produtividade das mães, não se observaram ações ou estratégias institucionais visando equalizar tais desigualdades. Essa inércia, ainda que manifesta em situações de crise, não é novidade no campo acadêmico. Os debates feministas nesse espaço, assim como na política, na mídia e demais esferas públicas, tendem, historicamente, a negligenciar a pauta materna. Enquanto mãe cientista busco

1- Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCSO/UFJF).

discorrer sobre a complexidade da relação entre a maternidade e o universo da academia, tendo em vista o alto nível de exigência para desenvolvimento de ambas as práticas no contexto da organização da vida social pautada pelo capitalismo patriarcal.

No presente artigo me proponho a avançar na defesa da maternidade como escolha. Essa pauta passa, sem dúvida, pelo tratamento dos direitos reprodutivos, mas não somente. Parece fundamental fomentar um debate por dentro do movimento feminista acerca da defesa dos direitos das mulheres que exercitam a maternidade, seja enquanto escolha, seja por uma contingência compulsória. Nesse sentido, é preciso interpretar a prática da maternidade para além da normatividade hegemônica imposta pelo patriarcado, compreendendo que a genuína liberdade para mulheres transita menos por uma indicação liberal de independência e uma vida livre de relações, e mais pela possibilidade de plena realização das diferentes facetas da vida.

O'Reilly, em seu livro *Matricentric Feminism* (2016), sustenta a concepção de que as mães precisam de um feminismo próprio. A autora argumenta que a maternidade se constitui como uma questão ainda em suspenso no debate feminista, uma pauta pendente mesmo nas abordagens mais abrangentes e libertárias e que, muitas vezes, coloca as mães e suas questões num certo ostracismo frente à construção feminista e progressista. O'Reilly defende a insurgência de um feminismo matricêntrico, pois, a despeito de todas as conquistas viabilizadas pelas lutas feministas, as mães continuam sendo duplamente oprimidas, primeiro por serem mulheres e depois por serem mães.

Ao observar as pautas que concorrem no desenvolvimento de debates e construções teóricas no

âmbito dos estudos feministas e de gênero, O'Reilly indica que o tema da maternidade praticamente não é contemplado (2016). Em pesquisa documental que levantou dados quantitativos sobre a representatividade dos temas maternidade e maternagem nos estudos feministas, no período de 2005 a 2015, pôde confirmar a hipótese da baixa presença dos temas em materiais didáticos e ementas de cursos destinados à introdução aos estudos de gênero e mulheres e em livros e artigos publicados em periódicos feministas. Concluiu que o conteúdo total relacionado à maternidade variava de 1% a 3% no vasto material pesquisado, comprovando a "alarmante discrepância entre a baixa representatividade da maternidade no feminismo acadêmico e seu alto impacto na vida cotidiana das mulheres" (MENDONÇA, p. 501, 2018). Parece, portanto, evidente a necessidade de trazer o tema da maternidade para dentro dos estudos feministas e de gênero que se constroem na academia. Para superar as opressões de gênero advindas das relações desiguais de poder, se faz urgente realizar não apenas empreitadas científicas, mas também descrever e refletir acerca das práticas e experiências de maternidade e sobre os dilemas cotidianos vivenciados pelas mulheres mães na academia.

A despeito da evidente dificuldade, e em alguns casos impraticabilidade, de as mães em atenderem os níveis esperados de produção e desempenho, a academia permanece, majoritariamente, mantendo mecanismos de avaliação e controle estritamente meritocráticos e excludentes. Essas medidas, não raro, impossibilitam a inserção institucional de jovens mães cientistas e traçam para muitas mães um quadro de experiência acadêmica não realizada, pois, na medida em que elas

não atingem determinadas metas - como certa frequência mínima de publicações de artigos ou capítulos de livros, de participação em grupos de pesquisa, de aprovações de projetos em agências de fomento etc. -, vão sendo paulatinamente afastadas das possibilidades de "premiação", como bolsas e insumos para pesquisas, e perdendo reconhecimento profissional.

Como já mencionado anteriormente, também o feminismo acadêmico e mesmo vertentes de vanguarda do feminismo contemporâneo, que ocupam espaço na mídia, na política e nas instituições, têm reiteradamente negligenciado a pauta materna. Com o progressivo reconhecimento, tanto no âmbito do debate quanto no da ação, da interseccionalidade que perpassa as relações de poder instituídas por desigualdades de gênero, nos preocupa a omissão em relação às questões referentes à maternidade e o possível afastamento das mães de espaços já conquistados. Dada a permanência das hierarquias, não nos parece razoável encarar o rol de temas que concorrem no espaço público sem reforçar as particularidades que envolvem a opressão materna.

Há de se considerar, ainda, que o exercício da maternidade na sociedade contemporânea demanda o reconhecimento e implicação do Estado enquanto principal colaborador para a divisão das tarefas de cuidado com os filhos. Apenas o compartilhamento seguro das funções maternas poderá possibilitar às mulheres, entre outras demandas, a conquista efetiva e justa de postos de trabalho remunerado e o abandono de relações de opressão estruturais.

Nesse sentido, a emergência da pandemia de Covid-19 no ano de 2020 explicitou as desigualdades de gênero, em especial no que tange às mães. Com o fechamento de creches e

escolas - espaços não apenas de aprendizado, mas de apoio e zelo - sem a devida promoção concomitante de um plano emergencial, os agentes do Estado reafirmaram o entendimento das práticas de reprodução e cuidado, predominantemente femininas, como restritas ao espaço do privado, sem lugar na esfera pública e de ordem apolítica.

Esse evento, sem dúvidas, reitera a importância de se levar para a esfera pública questões tidas como de âmbito privado. Para Rancière (2014), a esfera pública é a esfera do encontro e do conflito e a prática espontânea dos atores dominantes que atuam na esfera pública ocorre no sentido de estreitá-la. Desse modo, a democracia consistiria no processo de luta contra a privatização da esfera pública, pela ampliação dessa esfera, principalmente quando a manutenção e alargamento da esfera do privado contribui para a existência de sistemas desiguais.

O empreendimento do feminismo ocorre, justamente, pela insustentabilidade da pretensão das classes dominantes de manter, de forma rígida e a-histórica, as fronteiras vigentes entre a esfera pública e a esfera privada. A lógica patriarcal se esforça para situar as questões que envolvem as mulheres na esfera doméstica, no mundo da particularidade, como se tais temas fossem estranhos ao universo da esfera política e cidadã. O feminismo é legítimo e democrático, portanto, enquanto movimento, como ação que busca romper com esquemas de opressão a partir da transposição de assuntos tidos como da ordem do privado, de responsabilidade individual ou familiar, para a esfera pública.

A reivindicação pelo reconhecimento do feminismo matricêntrico na academia, nas instituições e na

sociedade parte, dessa forma, de uma demanda pelo exercício da democracia, pela construção de políticas públicas de defesa da vida das mulheres. Processo democrático esse que deve sempre fazer emergir o universal em forma de polêmica, resgatando o conflito, inventando formas de subjetivação que contrariam o perpétuo estreitamento e privatização da esfera pública. Compreende-se, pois, que “os ‘direitos do homem e do cidadão’ são os direitos daqueles que os tornam reais” (RANCIÈRE, 2014, p 95) e que a pauta da maternidade mais do que um assunto de mulheres, é antes um tema de direitos humanos.

Referências Bibliográficas:

MENDONÇA, Maria C. O feminismo matricêntrico e o ativismo feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MIRCI) liderado por Andrea o’Reilly. Anais da III Jornadas do LEGH: Feminismo e Democracia | UFSC/Florianópolis. 2018.

O’REILLY, Andrea. Matricentric Feminism: Theory, Activism, Practice. Toronto: Demeter, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. O ódio à democracia. São Paulo: Boitempo. 2014.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático
MATERNIDADE E UNIVERSIDADE



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO “ACESSO E PERMANÊNCIA DE MÃES NA UERJ”

Aline Passeri Dias¹, Cíntia Moreira de Souza², Tatiane Tavares da Silva Rodrigues³.

Palavras-Chave: Maternidade. Universidade. Saúde Mental.

O presente resumo objetiva apresentar a implementação de um projeto voltado para mães universitárias no Departamento de Acolhida, Saúde Psicossocial e Bem Estar (DASPB), inserido na Pró-Reitoria de Políticas e Assistência Estudantis (PR4), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O DASPB é um departamento voltado para o atendimento do corpo discente, na interseção do campo da saúde e da educação, visando a construção de estratégias que fortaleçam a assistência estudantil na UERJ, por meio de atividades de promoção de saúde mental, inclusão e acessibilidade.

No campo da maternidade, embora a UERJ tenha sido pioneira na instituição de auxílio-creche para alunos (2021), identifica-se a necessidade de suporte na universidade em outros níveis além do financeiro, como: o suporte emocional e psicossocial; a criação de redes de apoio e espaços de convivência; o suporte físico para tarefas de cuidado às crianças, como a existência de fraldários e locais adequados para amamentação, além de outras políticas pensadas para esse grupo.

A V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das Instituições Federais de Ensino Superior, realizada

pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em 2018, traz informações importantes a respeito da vivência acadêmica na condição de mãe. Entre as dificuldades indicadas pelos alunos, como aquelas que interferem em sua vida ou no contexto acadêmico, aparecem dificuldades financeiras, deslocamento para a universidade e a maternidade. Dentre as motivações para trancamento de matrícula, aparecem a maternidade e licença-maternidade. Ainda de acordo com a referida pesquisa, maternidade e vida acadêmica são ainda mais difíceis de conciliar quando estudantes do sexo feminino têm mais de 1 filho (a).

Assim como ter um filho exige diversas adaptações e reconstruções identitárias, constituir-se enquanto universitário é também um processo de construção coletiva aos novos arranjos institucionais, relacionais e de estudo, no qual os estudantes defrontam-se com sua entrada na universidade.

No âmbito do DASPB, as dificuldades na adaptação e permanência de estudantes mães à rotina acadêmica na UERJ constituem-se como uma demanda que chega ao setor. No período de isolamento social nosso departamento realizou atividades remotas, e algumas estudantes mães nos relataram sobre suas dificuldades em conciliar a vida acadêmica com o

1- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alinepasseri@gmail.com.

2- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: souzacm.scm@gmail.com.

3- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: tatiane.rodrigues@uerj.br.

trabalho doméstico e os cuidados com os filhos. Por vezes, essa relação trazia algum tipo de impacto na saúde mental das estudantes, como sintomas de ansiedade e estresse. Além disso, a escassez de recursos estruturais que garantam o mínimo de suporte aos alunos pais e mães e a inexistência de fraldários, por exemplo, são problemas identificados pela equipe do departamento e que impulsionam a necessidade de realização de ações de cuidado e formulação de políticas voltadas a este público.

O DASPB iniciou a aproximação com a temática da maternidade em 2020, com a realização da live “Mães Universitárias: como conciliar os papéis durante o período de distanciamento social”, como parte do Ciclo de Debates organizado pelo departamento. Em 2021, o tema da maternidade retorna em nossa “II Mostra de Práticas de Cuidado, Saúde e Bem-estar do Estudante: Permanência no ensino superior e os desafios impostos pela pandemia”, através da roda de conversa intitulada “Lugar de mãe é onde ela quiser: reflexões sobre maternidade e vida universitária”.

Cabe destacar que a criação do Grupo de Trabalho Mães Cientistas da UERJ, por professoras de diversos cursos, em 2020, foi um importante avanço para iniciar o debate dentro da universidade sobre formas mais igualitárias de atuação profissional e como as questões de gênero e a maternidade interferem no trabalho de mulheres docentes e pesquisadoras. Este grupo produziu, em agosto de 2020, uma carta direcionada à reitoria com algumas reivindicações. No entanto, embora o GT traga pautas fundamentais, é mais voltado para as docentes e mulheres mães na pós-graduação, que já iniciaram ou estão iniciando uma carreira acadêmica como pesquisadoras.

No caso de alunas de graduação, que constituem a maior parte do público atendido pelo DASPB, não tomamos conhecimento de nenhum coletivo ou espaço de acolhimento e de debate para suas demandas dentro da UERJ.

A partir da identificação destas necessidades e também da falta de dados relativos ao quantitativo de mulheres com filhos na universidade, foi estruturado o projeto “Acesso de permanência de mães na universidade”, submetido ao Programa de incentivo às atividades técnico-administrativas na UERJ, que terá suas atividades iniciadas em dezembro de 2022.

O projeto supracitado tem como objetivo geral elaborar, construir e ofertar ações que garantam às estudantes mães universitárias apoio institucional e permanência qualificada na UERJ. Entre os objetivos específicos, estão: conhecer o perfil das estudantes da graduação e pós-graduação que são mães; identificar as principais demandas trazidas pelas mães universitárias que podem impactar sua vida acadêmica e permanência na universidade com qualidade; oferecer um espaço interdisciplinar de acolhimento, escuta e assistência às mães universitárias, na perspectiva da assistência estudantil; articular parcerias internas e externas, auxiliando na criação de redes de apoio para mães universitárias.

A pesquisa sobre o perfil das mães universitárias da UERJ será realizada por meio de um levantamento, cuja amostra será composta pelas estudantes mães inseridas nos cursos de graduação e pós-graduação. Vale pontuar que este estudo vislumbra fazer reflexões sobre o cotidiano acadêmico e as condições de acesso e permanência qualificada das estudantes mães, que podem ser

geradoras de sofrimento psíquico e adoecimento; sobre o ambiente acadêmico, as dificuldades e impactos na saúde dessas mulheres, enquanto mães e estudantes.

Embora não se pretenda realizar um censo, recolhendo informações de todas as integrantes do universo pesquisado, a ampla divulgação do levantamento através dos canais oficiais da UERJ e redes sociais do departamento pode atingir uma amostra significativa do público-alvo, trazendo informações fundamentais para a proposição de ações.

Em paralelo à etapa metodológica de levantamento de dados, a equipe responsável pelo projeto, formada por duas psicólogas e uma assistente social, desenvolverá ações de acolhimento, troca de vivências e apoio mútuo para mães universitárias. Algumas ações específicas para este público já foram realizadas no departamento, como lives e rodas de conversa.

As ações de cuidado e acolhimento às alunas serão realizadas preferencialmente em grupo (sejam rodas de conversa, grupos temáticos ou grupos psicoeducativos), de forma que as questões que perpassam as discentes não sejam individualizadas, além de estimular a participação ativa das mesmas na formulação de estratégias institucionais.

Algumas ações que visam ampliar a discussão da temática na universidade já começaram a ser implementadas, como a mesa "Acesso e permanência de mulheres mães no Ensino Superior", realizada na III Mostra de Práticas de Cuidado, Saúde e Bem-estar do

Estudante, organizada pelo DASPB em setembro de 2022, que contou com a participação de extensionista do projeto "Mães na Universidade", da UFRJ, de representante do coletivo Dandara de Mães e Gestantes da Unirio e de uma professora membro do GT de Mães Cientistas da UERJ. A coordenadora do presente projeto também participou de reunião organizada pela Pró-Reitoria de Saúde da UERJ, em outubro de 2022, sobre proteção dos direitos das mães na universidade.

Desta forma, através do projeto "Acesso e permanência de mães na universidade", pretendemos dar início à construção de ações permanentes de cuidado e promoção de saúde mental de alunas mães na UERJ, colaborar para a ampliação da discussão sobre acesso e permanência qualificada de mães na universidade, além de contribuir para a formulação de políticas voltadas para este público.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

UM DIA DE AULA DO MESTRADO: 6 ÔNIBUS E MUITOS QUILOMETROS RODADOS.

Lizie de Souza Calmon¹.

Palavras-Chave: Maternidade. Cotidiano. Mobilidade.

Era o ano de 2018 quando começou a minha epopéia para ingressar em um mestrado. Foi nas brechas entre uma jornada e outra de trabalho que eu criei a possibilidade de ler, refletir e escrever sobre o que eu gostaria de pesquisar e escrever, após 10 anos fora do ambiente acadêmico. Entre o trabalho como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, o trabalho doméstico, o trabalho do cuidado e os afetos que a experiência da maternidade me apresentava de forma imprevisível e inusitada, eu buscava reaprender e reencontrar a capacidade de desejar algo para mim. Era nos meus horários de planejamento na escola, quando minha filha, na época com e anos de idade, estava dormindo, assistindo Branca de Neve, Pepa Pig, ou quando ela estava com meus pais ou com seu pai, que eu investia minha energia em encontrar o tema que eu estava pensando em elaborar em um projeto para o mestrado.

Apesar dos muitos atravessamentos como conflitos com o pai da minha filha, mudança de casa e de bairro, preocupação em fechar as contas da casa, a profunda solidão materna, duas trocas de creche da minha filha, licença psiquiátrica do meu trabalho como professora do segundo segmento do ensino fundamental, consegui escrever um projeto de pesquisa, estudar para a prova e ser aprovada.

Tirei a melhor nota na prova, porém a menor nota no projeto. Estou relatando esta microhistória de superação, não para me vangloriar e repetir um roteiro meritocrático de que todos podem, basta se esforçar que você chegará lá. Os percursos são individuais e, para alguns a trilha está limpa de obstáculos, para outros o que se tem é uma mata fechada e um facão, sem pontos de referência ou qualquer sentimento de pertencimento. Refletir sobre estas superações minhas e de tantas outras mulheres mães, cada uma em seu percurso, me fez sentir que a cidade, a universidade, o mundo do trabalho e até a forma como as pessoas estabelecem suas relações, não acolhem as mulheres com suas crianças. Tudo é sempre mais difícil para uma mãe solo, desprovida de um título de esposa de alguém, com preocupações financeiras, conflitos familiares e deslegitimação da sua maternagem..

Chegamos aos lugares e percebemos o quanto criamos um universo paralelo das mães com dinâmicas cotidianas que vou tentar tirar do campo do invisível aqui neste relato de experiência. Pretendo, portanto, tirar das sombras aspectos que precisam ser considerados no processo de construção do cotidiano de mulheres,

1- Geógrafa e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

mães que trabalham, estudam e pesquisam, acumulando jornadas de trabalho, angústias, ansiedades e exaustão, através de um relato detalhado de algumas situações da construção do meu cotidiano em uma terça qualquer, quando tinha aula do mestrado, levava e buscava minha filha na escola e, neste ínterim, ainda dava aula em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro, localizada no bairro da Maré. Como mulher e mãe no período em que estive matriculada no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRJ, escapando às totalizações imaginárias do olhar, proponho que existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível” (DE CERTEAU, 2014, p. 159). Para não parecer somente um “diário de bordo” vou fazer o esforço de fazer interlocuções com Michel de Certeau para embasar reflexões sobre a produção de um cotidiano sobrecarregado de uma mulher que é mãe, trabalhadora e estudante, e Leslie Kern para pensarmos sobre a interrelação dos espaços que ocupamos no desenrolar das nossas artes de fazer o cotidiano acontecer.

Nunca vou esquecer das aulas que aconteciam às terças de manhã no primeiro período do curso do mestrado, no segundo semestre de 2019. A disciplina era sobre métodos em pesquisas educacionais com uma extensa bibliografia, cujas temáticas despertavam o desejo de ler todas as linhas de todos os artigos e livros sugeridos. Na noite anterior eu colocava minha filha para dormir, preparava a sua merendeira e me dedicava aos textos sugeridos para as aulas e sempre pegava no sono rapidamente. Fazia um esforço para acordar sempre às 4 horas da manhã, passava um café, voltava para a cama com o computador para continuar a leitura. As 6 horas, já pronta para sair de casa, começava a chamar a minha

filha. O café da manhã era um achocolatado industrializado e uma fruta, para não perdermos tempo. Com base na minha experiência, considero o momento de arrumar a criança para ir a escola um dos mais complexos, principalmente quando se mora no alto de Santa Teresa, no inverno. A criança só quer dormir mais um pouco e tudo vira um grande dilema.

Além de vestir e alimentar a cria, cuidava da ração e da areia das gatas. Saíamos de casa às 7:30, após mediar incontáveis frustrações de uma criança de 4 anos cansada e com sono. Pegávamos o único ônibus que passava na nossa rua, descíamos na Rua das Laranjeiras e aguardávamos o próximo ônibus chegar. O trajeto era agradável, ar fresco, uma bela vista, casas grandes com bouganvilles e árvores frondosas, que rendiam. 10 minutos de boas conversas com a minha filha, saltávamos do ônibus e atravessávamos um cruzamento sempre correndo pois o tempo que o sinal permanecia fechado era pouco. Eu com minhas pernas de uma mulher de 1,70 m e minha filha com suas pernoquinhas de criança de 4 anos. Eu com a minha mochila cheia de material do mestrado e para o meu trabalho como professora, além da mochila e merendeira da cria. Aguardávamos uns bons minutos. O ônibus sempre passava muito cheio e o ponto estava sempre cheio de estudantes uniformizados devido ao horário.

O ônibus passava sempre lotado. A hora de embarcar era um grande momento de tensão. Eu com duas mochilas, uma merendeira, segurando a mãozinha da minha filha, entrávamos pela porta de trás, subindo aqueles degraus completamente desproporcionais aos corpos infantis, como se crianças não andassem de ônibus, pois não seria possível atravessar a roleta desta forma. Nos dias de sorte, a colocava

sentada, ou alguém nos cedia o lugar, e seguidamente precisava cruzar todo o ônibus com todas as minhas bolsas para pagar a passagem. A viagem era curta, o ponto de ônibus onde sempre descíamos é bem próximo a escola onde ela estuda. Deixava-a na porta da sua sala de aula às 8:30 da manhã, quando não nos atrasávamos.

Da escola, caminhava aproximadamente 10 minutos até chegar ao campus da Praia Vermelha. Lá comprava meu segundo café da manhã, por volta de 8:45, e me encaminhava para a sala de aula, onde tomava meu café preto e meu pão com ovo enquanto a professora dava início a sua aula. Enquanto soprava meu café, observava a minha volta, todas aquelas pessoas com o frescor do banho matutino e do café da manhã feito sentado em uma mesa, seus cadernos com anotações de pontos cruciais do texto enquanto eu tentava acompanhar as aulas acessando o texto em um celular de tela meio craquelada. Pensava também em quantas emoções já havia me atravessado até às nove horas da manhã. A luta contra o sono às quatro horas da manhã, um computador mambembe que atravancava a fluidez da leitura dos textos em PDF enquanto o sol nascia, a resistência da criança em acordar, se vestir e escovar os dentes, o exercício de não deixar nenhum material do meu trabalho para trás, as dificuldades com o transporte público e o circular na cidade de calçadas estreitas e semáforos apressados com uma criança de 4 anos.

Ao final da aula, eu comprava um salgadinho para almoçar no ônibus, que me deixava na Avenida Brasil, na altura da Fundação Oswaldo Cruz. Caminhava aproximadamente 15 minutos até a escola onde dava aula, todos os dias, de todas as disciplinas, para uma turma com alunos de faixa etária defasada em relação à série que estavam cursando. Era

atravessada por tantas outras emoções. Após o fim do meu expediente como professora, eu atravessava uma passarela e caminhava o mais rápido possível para chegar menos atrasada em Botafogo para buscar a minha filha na escola. Para chegar em nossa casa, em Santa Teresa, ainda enfrentaríamos uma passagem subterrânea e dois ônibus bem cheios, como é de costume por volta das 18 horas.

A partir deste texto um tanto descritivo sobre um dia de aula presencial no mestrado podemos perceber que a cidade impõe barreiras para o nosso ir e vir com nossas crianças, interferindo diretamente na concretização de nossos planos. Todas as escolhas cotidianas, até mesmo as inconscientes, são perpassadas pela realidade dos espaços onde elas serão materializadas. Kern, em seu livro "Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens" nos apresenta a constatação de que as mulheres enfrentam uma série de barreiras físicas, sociais, econômicas e simbólicas que moldam o a construção do seu cotidiano de forma profunda. Tais barreiras, para os homens são invisíveis, já que ainda hoje, são na maioria homens que ainda ocupam lugar de decisão "em relação a todas as coisas, de política econômica urbana ao planejamento de moradias, da localização das escolas aos assentos de ônibus" (KERNIE, 2019, p. 19), sem tomar conhecimento das demandas da parcela da sociedade que não tem a estrutura corpórea de um homem médio.

Michel de Certeau (2014), ao longo de sua obra, nos sinaliza que uma maneira de utilizar sistemas impostos é a resistência às leis históricas e suas legitimações dogmáticas. Portanto, a existência de mil maneiras de jogar/defazer o jogo do outro, ou

seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Nessas estratégias de combinantes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor (DE CERTEAU, 2014, p 74). E foi assim que segui com meu mestrado quando a pandemia começou. Fiz questão de ocupar lugares onde eu poderia dar visibilidade às questões que mães enfrentam dentro da universidade, como a Associação de Pós Graduandos, discente representante na comissão deliberativa do Programa de pós Graduação onde estive matriculada, além de compor a equipe de um grupo de trabalho sobre parentalidade e equidade de gênero, vinculado a Reitoria da UFRJ. Além de integrar equipes de projetos de extensão voltados para esta temática. Foi desta maneira que não me senti sozinha, percebendo que tanto docentes quanto discentes com a sobrecarga de múltiplas jornadas de trabalho, com suas propostas de pesquisa relevantes para resolver problemas que a sociedade enfrenta, não possuem tempo e energia suficiente para dar conta da lógica produtivista da academia, o que é um pesar para a produção do conhecimento científico.

Portanto, para as mulheres mães que almejam uma carreira acadêmica, se faz mister encontrar “mil maneiras de caça não autorizada que acontecem nos interstícios do cotidiano, as possibilidades que se apresentam a partir da desobediência de uma proibição, as idas e vindas inventadas e caminhadas improvisadas, que podem nos dar pistas para a construção de outra enunciados, para, como exemplo, a produção de resoluções e negociações com as coordenações dos programas de pós-graduação

produzindo uma realidade favorável para a permanência e progressão de mulheres mães na universidade.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

ALUNAS-MÃES UNIVERSITÁRIAS GERAM FILHOS E GESTAM SONHOS

Aline Araújo da Silva¹.

Palavras-chave: Mãe. Estudante. Universidade.

Analisando os movimentos voltados para a maternidade que se encontram nas universidades públicas ao redor do Brasil, observa-se a grande força das mães diante das adversidades. Ser mãe e estar nos espaços universitários traz grandes desafios e lutas. Sabemos que o ambiente das Universidades, assim como outros espaços, não possuem estrutura para receber mães que desejam estudar, estas muitas vezes são vistas com desdém nesses ambientes, recebendo críticas, ao invés de admiração.

Uma mulher que se propõe a ser mãe e mesmo assim abarcar outras funções deveria ser exaltada, pois esta é uma tarefa de extrema necessidade de suporte, muito jogo de cintura, além de grande poder de raciocínio, especialmente quando possuem filhos menores de idade. Mesmo assim, muitas vezes mulheres mães são vistas como improdutivas, tanto para o mercado de trabalho, quanto nos espaços universitários e estudantis. Ser mãe nesses espaços é aprender a conviver com julgamentos e com a ideia de colegas e professores que acreditam que a estudante sempre terá um menor rendimento e não conseguirá cumprir prazos e realizar trabalhos, porém a realidade, muitas vezes, não é esta que retratam, e sim que a maioria dessas mães estudantes vão se dedicar tanto quanto qualquer aluno, por vezes até mais.

Claro que estas mulheres terão certas peculiaridades por conta da maternidade, mas a partir disso, essas

mulheres podem escolher conviver com o descaso, ou começar a debater e resistir por seus espaços, pois o problema central não é ser mãe e estudar, e sim vivermos em um país onde não há ações de políticas efetivas para a permanência dessas mães estudantes nas universidades, algo que deveria ser visto já na ponta, pois entende-se que a maioria das mulheres quando ingressam nas universidades estão dentro da idade reprodutiva, além disso é uma certeza que muitas engravidam ao longo dos seus estudos, ou mesmo que muitas já ingressam sendo mães. Sendo assim, os espaços deveriam oferecer estrutura para introduzir estas mulheres-mães universitárias em sala de aula, buscando extinguir a evasão relacionada às dificuldades impostas não solucionadas, abraçadas e apoiadas, em razão da maternidade.

O estudo da permanência de mães alunas nas universidades, que inclui o estudo da presença de espaços estruturados para recepcionar os filhos destas mães estudantes e ajuda referente aos diversos aspectos sociais, deveriam já ter sido imputados, ao invés de existir este grande dilema em relação às mães universitárias, que por vezes não possuem rede de apoio e, mesmo quando possuem, precisam de uma atenção especial. As mães universitárias deveriam ser estimuladas a prosseguir com seus estudos e sonhos, não fadadas à anulação e à privação da vida acadêmica. Muitas sentem-se como um grande fardo

nesses espaços, sentindo-se não pertencentes ao meio, sendo que sim, elas pertencem e deveriam ter o direito de ocupá-lo, mas, para isso, precisariam antes serem bem recebidas, de forma que seu tempo na universidade se tornasse algo leve e alegre, não tenso e segregador. Dito isto, as mães estudantes precisam aprender a se posicionar, contextualizando suas dores e suas vitórias e, principalmente, encarar a política como força motriz. Sim, podemos ser mulheres-mães-estudantes politizadas, críticas e reivindicadoras, além de tantas outras mil coisas que nos propomos a encarar.

Temos no momento atual, com a eleição de um novo Presidente da República, a esperança de que dias melhores virão e de que nossos espaços nas universidades ficarão mais facilitados. Acreditamos que, se existirem políticos que tenham um olhar voltado para a educação e as ações para mulheres mães, poderemos trilhar grandes caminhos, com menos pedras, em um futuro bem próximo. Mas não se enganem ou pensem que esmorecemos! Porque mesmo com pedras, continuaremos a trilhar. Claro que sem essas pedras, a estrada a ser percorrida seria mais lisa, estável, menos sinuosa, sem buracos e sem surpresas e chegaríamos muito mais rápido ao nosso caminho tão desejado, sonhado e objetivado.

Por isso, faz-se de grande importância a existência de grupos, núcleos e coletivos que realmente se propõem a trabalhar ideias e estudos voltados à causa da maternidade nos espaços universitários. Só alcançaremos visibilidade e força quando propusermos unir as nossas mãos, entendendo que a luta e a resistência pertence, não só a todas as mães, mas também a todas as mulheres, pois se não somos mães, somos filhas, somos irmãs e, mais do que isso, somos uma sociedade composta por mulheres que já não cabem somente dentro de um lar, com afazeres domésticos, obrigações, maridos e filhos. Estamos em busca de equidade de gênero e sabemos que,

por mais que estas pautas sejam atuais, ainda há um grande distanciamento entre o que é esperado e o que encontramos de fato. Muito falamos, mas pouco ainda é feito e, infelizmente, ainda nos deparamos com situações escarnecedoras e desestimulantes que, lamentavelmente, muitas vezes partem de outras mulheres, como comentários segregadores que visam diminuir o potencial de uma aluna pelo simples fato dela ser mãe.

Observamos que há um impacto ainda maior dessas questões nas discentes que possuem filhos bem pequenos, especialmente quando são bebês que necessitam de amamentação exclusiva, dependendo muito da mãe. Diante disso, a aluna mãe começa a viver um grande dilema entre ir à universidade com uma criança "debaixo do braço", ou não ir, fazendo com que mães-universitárias, diante dessas situações, desistam ou trancam a matrícula. Geralmente estas mães não retornarão mais às salas de aula, colocando seus sonhos de lado.

Quando os filhos são maiores, a partir dos 10 anos, por exemplo, muitas vezes a mãe mantém velado o seu trabalho duplo como mãe e aluna. Fato conclusivo é, uma universitária que é mãe, ou que se torna mãe ao longo de sua permanência numa universidade, precisa deixar de ser invalidada, como se ela não pudesse produzir conteúdo de estudos tão enriquecedores e com tanto embasamento quanto os demais alunos. Estas alunas mães, mesmo frente ao cansaço, aos julgamentos, a ausência de empatia e até mesmo a falta de sororidade, quando se dispõem a enfrentar todos estes e muitos outros meandros, trazem em suas escritas uma força enorme, se debruçam sobre livros, artigos, trabalhos e buscam apresentar o que há de melhor, seja no trabalho mais simples conduzido em sala de aula, seja individualmente ou em grupo, ou seja, com trabalhos mais rebuscados e científicos, buscando concluir seus cursos de graduação ou pós-graduação.

Portanto, todos deveriam sim valorizar

mais as mulheres-mães-universitárias, cada qual com sua história de vida e de vivência cotidiana, fato que algumas possuem mais privilégios, como àquelas que possuem uma melhor situação financeira que as asseguram em algumas situações, como deixar seu filho numa creche privada ou aos cuidados de uma cuidadora, mas que, mesmo com tudo isso, também precisam se reorganizar a todo o tempo para prosseguir em seus estudos. No entanto, também existem aquelas que não tem as mesmas condições financeiras, dependendo de vagas em creches públicas e de projetos assistenciais, sejam do governo, ou auxílios acadêmicos, tendo que estar o tempo todo antenadas, não só nos estudos, mas também nos cronogramas, para não perder oportunidades de ajuda financeira. Por fim, existem aquelas mães que precisam levar seus filhos para as salas de aula, que perdem a paciência com seus filhos chorando ou inquietos em sala, impedindo-as de se atêrem ao conteúdo das aulas. Estas são as que pegam vários transportes para chegar até a Universidade e que faltam aulas porque o filho adoeceu. Existem várias situações onde nos deparamos com pessoas que não possuem nenhum destes problemas e que nos explicitam que, por muito menos do que muitas mães alunas passam, caso estivessem em nosso lugar, não encarariam este desafio de concluir a universidade.

Somos muito resistentes! Por nossos filhos sempre ganhamos mais força, e se não for a totalidade de mães, estamos muito perto das que estão encarando todos estes desafios cotidianamente, ansiando a formatura e a conclusão de seus cursos, para dar exemplos aos seus filhos e para os ofertar uma vida melhor, para se sentirem realizadas como mulheres-mães estudantes, pesquisadoras ou profissionais.

Metodologia:

Foram utilizados os métodos da experiência pessoal, como mãe universitária de uma bebê de 7 meses, e da observação. O embasamento teórico foi construído nos estudos junto ao NIEM - Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade UFF, do qual

faço parte e no qual me apresentou seminários, palestras e materiais de estudo sobre maternidade, me proporcionando maior entendimento e participação nos dilemas de mães estudantes no ambiente universitário, enriquecendo a escrita com leituras de livros, ou parte deles, aqui referenciados, assim como o acompanhamento dos estudos de mulheres doutoras que já estão nesta jornada há muito mais tempo e vêm trazendo grande conteúdo em suas teses, trabalhos e materiais de estudo sobre os temas da permanência de mães nas universidades, políticas públicas necessárias, conscientização de que mães estudantes devem ser acolhidas e sobre a estrutura dos diversos espaços para recepção de alunas mães. Dentro disso, pude constatar o poder das mães, estudantes, pesquisadoras e cientistas, além de quanto seus esforços vêm contribuindo muito sobre esta pauta. Sendo afirmativo que, mesmo sendo mães e tendo diversas outras tarefas, elas conseguem enxergar e retratar diante dos estudos e das ciências a verdade de tratativa sobre a maternidade, a visão distorcida e ultrapassada sobre mulheres-mães e tudo o que engloba estes aspectos.

Referências Bibliográficas

O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*. Paperback, Bradford, ON: Demeter Press, 2016.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de. *Maternidade nas mídias [recurso eletrônico]*. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021.

MENDONÇA, Maria Collier de. *A Maternidade na Publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica - PUC/SP, 2014.

COELHO, Ana Carolina. *Crônicas de Mãe*. Goiânia: Editora Catarse, 2022.

SOUTO-MARCHAND, Andreia Silva de; GALVÃO, Elisandra; FERNANDES, Morgana. *Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RESUMOS SIMPLES
Eixo temático
MATERNIDADE E CULTURA



**II SEMINARIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

UMA ANÁLISE DO MATERNAR CONTEMPORÂNEO E SUAS INFLUÊNCIAS DIGITAIS

Ana Maria Oliveira dos Santos¹, Rosemere Olímpio de Santana².

Palavras-chave: Maternar. Redes Sociais. Feminismo Matricêntrico.

O maternar ocupa um espaço que vem sendo culturalmente estabelecido pela sociedade e que, por conseguinte, incute o sujeito materno a modos específicos de agir que constituem como devem ser suas ações perante a maternidade e perante a si próprias como sujeitos-mães, principalmente com o advento das redes sociais e dos perfis que dialogam sobre a maternidade se tem uma produção e reforço do lugar materno. Com tudo isso, é de nosso interesse problematizar tais discursos sobre o maternar tão difundidos em meio às redes sociais a partir da análise dos perfis de mulheres mães que, através de suas redes, ensinam sobre o maternar assim como compartilham suas próprias experiências, sendo eles: @Elisama Santos, @Canto Maternar, @Lua de Barros, @Flavia Calina e @Ilsa Minantel. A pesquisa propõe uma análise das postagens feitas nesses perfis assim como a interação que ocorre entre as seguidoras destes. Sendo assim, para aprofundar a análise e discussões na pesquisa utilizamos o conceito de feminismo matricêntrico da escritora Andrea O'Reilly assim como demais leituras sobre gênero e maternidade que nos auxiliam a aprofundar as reflexões acerca de como esses perfis se constituem como dispositivos de subjetivação feminina e até que ponto as novas tecnologias assim como o feminismo e os referidos perfis se fazem aliados das mães contemporâneas ou mais um meio de ressaltar a maternidade patriarcal.

1- Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Cajazeiras, PB. E-mail: ana.m.oliveira@estudante.ufcg.edu.br.

2- Doutora em História pela UFF, Professora Adjunta IV, UACS-CFP, UFCG, Cajazeiras, PB. E-mail: rosemere.o.santana@hotmail.com.

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

NARRATIVAS DE PROFESSORAS MÃES: (DES) ENCONTROS ENTRE O DEVER-SER E O DEVIR-NÔMADE

Débora dos Reis Silva Backes¹, Juliana Farias Santos².

Palavras-chave: Maternagem. Docência. Devir Nômade.

Esse artigo tem o objetivo de apresentar um projeto de pesquisa de Mestrado em Educação que intenciona compreender os sentidos que compõem o professorar e o maternar de mulheres docentes atuantes em escolas públicas de Aracaju, Sergipe. Trata-se de uma proposta de pesquisa qualitativa por meio da escuta e análise de narrativas autobiográficas de três (03) professoras mães que atuam no segmento da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos, em escolas públicas na cidade de Aracaju, Sergipe, com aporte quantitativo por meio de aplicação de questionário prévio. O projeto ancora-se nas perspectivas pós-estruturalistas em Educação, que em seus múltiplos caminhos promove vários deslocamentos, permitindo nos transgredir práticas que supomos permanentes e sentidos que nos parecem fixos. Intencionamos aproximarmos da filosofia da diferença, por meio das concepções de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a respeito de Devir e Pensamento Nômade, assim como também pelo pensamento de Friedrich Nietzsche sobre a Moral, adotando o procedimento genealógico de inspiração nietzscheana como ferramenta teórico metodológica. O estudo busca compreender as experiências vividas pelas professoras mães desde a decisão em ser pedagoga, passando pelo percurso formativo, a maternagem, suas estratégias ao aliar vida pessoal e profissional e como esses elementos refletem em seu movimento de professorar e maternar, visualizando possíveis desafios comuns e perspectivando possibilidades de ressignificar experiências e compor traçados outros a partir de forças, visíveis ou não, que interajam entre o Dever-Ser professora e mãe e o Devir-Nômade docente mãe.

1 - UFS - E-mail: debora12academico@ufs.br.

2 - UFS - E-mail: juliana22fsantos1@gmail.com.

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

A EDUCAÇÃO POSITIVA, COM RESPEITO E A PARENTALIDADE POSITIVA A PARTIR DA INFLUENCIADORA FLAVIA CALINA

Vitória Brenda da Silva Arruda¹, Rosemere Olimpio Santana².

Palavras-chave: Maternidade. Instagram. Dispositivo. Manutenção.

Esse artigo partiu de um projeto de iniciação científica intitulado: “Modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade: analisando perfis no Instagram e a manutenção do modelo de ‘boa mãe.’” Pretendemos analisar como o dispositivo da maternidade é acionado nos perfis do Instagram, em especial no perfil de Flavia Calina. Ao longo dos processos históricos o dispositivo da maternidade vai se moldando, ressignificando e se adaptando, produzindo discursos quase sempre atrelados as instituições como a medicina, a justiça e a pedagogia. Mas, para que esse dispositivo tenha produção também se faz necessário se articular a outros dispositivos como o do dispositivo pedagógico da mídia. E é por isso, que elencamos analisar o perfil da Flavia Calina que está vinculado a plataforma do Instagram. A Flavia Calina (@flaviacalina) é dona de um dos maiores canais de educação infantil do mundo contando com mais de oito milhões de inscritos. Pretende-se analisar o dispositivo da maternidade com base nas postagens, abertas ao grande público, que a mesma publica em sua plataforma. Flavia Calina posta sobre seu dia-a-dia com as crianças e o seu marido, temas relacionados a birras; o comportamento dos pais diante dos filhos; o ato de bater nas crianças como forma de puni-las; ser exemplo e a importância de cortar ciclos. Todas essas questões estão relacionadas a uma produção que se aproxima da educação positiva, da educação com respeito e da parentalidade positiva.

1 - Universidade Federal de Campina Grande - E-mail: vitória.brenda@estudante.ufcg.edu.br.

2 - Universidade Federal de Campina Grande - E-mail: rosemere.olimpio@professor.ufcg.edu.br

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

MATERNIDADE COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA PARA A LIBERDADE: CONTRIBUIÇÕES EM BELL HOOKS

Taís Lara Souza Barbas¹.

Palavras-chave: Educação. bell hooks. Maternidade

bell hooks é uma notável referência feminina para a teoria da educação como prática de liberdade e amor (LEAL, 2022). Em *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade*, a teórica e ativista hooks (hooks, 2017) oferece contribuições aplicáveis à práxis da educação, a qual, em sua concepção, transcende a educação formal escolar, sendo também a partilha do “conhecimento acerca de como viver no mundo” (hooks, 2017. p.27), ou seja, corresponde à formação do ser humano em sua integralidade. Nessa concepção de educação, ampliada e conectada à totalidade da vida, é impossível ignorar ou secundarizar o trabalho educativo materno e parental. Sendo assim, este trabalho analisa como a obra “*Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade*” oferece subsídios teóricos para a práxis da educação libertadora desempenhada por mães e cuidadores no contexto da educação parental (GARCIA, YUNES e ALMEIDA, 2016), a partir de diálogos com contribuições da *Disciplina Positiva* (NELSEN, 2007), importante referência no campo da educação parental. O procedimento metodológico utilizado para esta análise será, de cunho qualitativo, a pesquisa teórica. Concluímos, parcialmente, que a *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade* de bell hooks (2017), possui conceitos e inspirações capazes de fundamentar educadoras e educadores engajados para uma educação libertadora cuja práxis no contexto familiar / parental.

RESUMOS EXPANDIDOS
Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA



**II SEMINARIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

PARTO, CESARIANA OU ADOÇÃO? COMO NASCE O PERFORMAR MATERNO?

Lolita Goldschmidt¹

Resumo

A escrita parte da investigação de doutorado da autora, a qual tem como foco o estudo sobre maternidade, riso e pobreza. Por intermédio das lentes dos Estudos da Performance, pretende-se refletir sobre o modo que a maternidade performa o corpo, o molda e dá a ele outra forma, seja pelas modificações físicas, seja pelos discursos que atravessam e subjetivam as mulheres. Defende-se que o conceito de maternidade vigente, muitas vezes opera como uma ferramenta de controle e opressão de mulheres mães, para tanto, busca-se discorrer sobre a criação social do discurso atual de maternidade a partir do conceito de dispositivo da maternidade, cunhado por Fabiana de Amorim Marcello, a qual está inserida nos estudos foucaultianos.

Palavras-chave: Maternidade, Mulheres Mães, Performance.

Pretendo, nessa escrita, defender a ideia de que a maternidade performa o corpo, o molda e dá a ele outra forma, seja pelas modificações físicas, seja pelos discursos que atravessam e subjetivam as mulheres. As mulheres, por sua vez, performam um determinado conceito de maternidade, o qual foi criado e tem se modificado ao longo dos tempos, assim, defendo também que o conceito de maternidade vigente, muitas vezes opera como uma ferramenta de controle de mulheres mães. Cabe colocar ainda que, as

questões aqui expostas partem da minha pesquisa de Doutorado em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. A referida pesquisa, intitulada até o momento como Mãe, Mamãe, Manhê: um estudo sobre as pedagogias do riso com mulheres mães em situação de pobreza, utiliza a palavra mãe para referir-me especificamente às mulheres mães que exercem ou exerceram a maternidade, assim como o farei nesta escrita.

As palavras mãe e maternidade, embora, por vezes, possam estar ligadas, elas não são sinônimas. Falar de maternidade é, para mim, em alguma medida, falar também de deixar ir embora a mulher que um dia fomos. Há muitas camadas para serem compreendidas na construção da mulher mãe, dessa nova mulher, modificações que podem compreender aspectos físicos, emocionais, estruturais, sociais, entre outros.

A construção dessa mulher mãe envolve, sobretudo, mudanças sociais e estruturais, a mulher passa a ser vista e tratada de outra forma, assim, em alguma medida, passa a performar os discursos sociais que a cercam e que a atravessam. Na sociedade em que vivemos, ainda fortemente atravessada pelo pensamento patriarcal e conservador, existem uma série de obrigações que recaem em sua maioria sobre a mulher mãe, invisibilizando questões maternas muito sérias tais como a sobrecarga de trabalho e a exaustão.

Na perspectiva do patriarcado, trata-se de culpabilizar qualquer falta de cuidado e delegar às mães a responsabilidade sobre o papel de pensar a criação, a educação, a saúde, a logística e a organização dos afazeres dos filhos.

Afinal, mãe é tudo igual?

Ainda que vivamos em uma sociedade tão diversa, nos é colocado constantemente um modo de ser mãe seja pelas mídias, seja pelo senso comum. Mas o conceito de maternidade é móvel, tem se modificado ao longo do tempo e esse ser mãe romantizado, carregado de um tom de cuidado e zelo, que permeia o senso comum de hoje é um modo, uma forma de pensar as mulheres mães a qual foi sendo construída historicamente, embora seja inegável que tenha uma ação muito forte na atualidade.

A pesquisadora Fabiana de Amorim Marcello tece um longo estudo sobre o tema, discorrendo sobre a criação de um dispositivo da maternidade, o qual constituiria uma experiência materna na atualidade. A autora lança seu olhar para as formas segundo as quais a mídia enuncia a maternidade, problematizando a produção dos discursos que operam na direção da constituição dos sujeitos maternos. Marcello coloca que:

O fato biológico de dar à luz, por exemplo, é usado para sugerir que a mulher faz algo instintivo e, portanto, sabe como ser mãe, ou melhor, como exercer uma certa maternagem. Contraditoriamente, as mesmas mães (e todas nós) são (somos) inundadas de reportagens que não apenas ensinam como devem cuidar dos filhos, mas que também buscam atentar para certos requisitos indispensáveis para que elas se tornem boas mães (MARCELLO, 2003, p. 24).

A autora salienta a construção de um dispositivo da maternidade que é permeado por discursos diversos e que

subjetivam o que denomina sujeitos-mãe. Coloca que “cotidianamente discursos e sentidos são operacionalizados para explicar, detalhar, objetivar, tornar visíveis e enunciáveis determinadas formas de experienciar a maternidade, é possível dizer que se constituem, a partir daí, práticas bastante concretas”. (MARCELLO, 2003, p. 25). Aponta, ademais, que as mães e a maternidade são efeitos de um discurso que foi criado e que compõe o dispositivo da maternidade, problematiza ainda os efeitos do mesmo. Ela afirma que:

[o] problema pode ser localizado na medida em que consideramos o que tais práticas discursivas efetivamente produzem (ou deixam de produzir), as formas com que elas orientam, nomeiam, valorizam, julgam, evocam, reforçam, (des)qualificam, hierarquizam, convencionam, enunciam, visibilizam, objetivam, excluem, incluem os sujeitos-mãe, no interior de um dispositivo que promove modos claros e específicos de subjetivação feminino materna (MARCELLO, 2003, p.25).

Tal subjetivação materna age como forma de controle no universo feminino, ditando modos de ser, ver e pensar as mulheres mães. Normatiza e regula a maternidade, colocando à margem as que não se enquadram na norma.

A normatização da maternidade gera, além da noção de como ser mãe a ideia de que há um modelo de como ser uma “boa mãe”, Meyer lembra que “Educação e Saúde são dois dos campos de conhecimento e práticas que produzem, atualizam e repetem, incessantemente, o que a mãe é ou deve ser e sua “autoridade científica” constitui uma importante estratégia de naturalização e universalização de tais definições (MEYER, 2003, p.34).

A norma acaba por, não apenas regular e moldar preocupações e desejos de mulheres mães, mas criar um imaginário social do que seria

“normal” esperar da maternidade e dessas mulheres, assim, enquadra nesse padrão de normalidade determinadas experiências, as quais são valoradas, sufocando e diminuindo as que se colocam a margem do esperado.

Na teia dessa construção social da maternidade poderíamos colocar também que há uma romantização da maternidade, a qual supõe apenas maravilhas na trajetória de uma mulher mãe, o discurso romântico vela as reais dificuldades dos diversos maternares, tornando uma vergonha qualquer tentativa de problematização. Um ideal que tem o poder de incluir e excluir, de moldar corpos e comportamentos e, dessa forma, também demarca lugares sociais.

O ideal materno a ser perseguido gera um impacto significativo, pois ao ditar um modo correto de ser mãe, de ser uma “boa mãe” independente da realidade de cada uma, exclui e diminui mulheres. Desconstruir essa teia do ser, estar, sentir, agir que configurariam a figura da “boa mãe” apresenta-se como um desafio, pois, apesar de operar na vida de todas nós, muitas vezes não é nem ao menos questionado por muitas de nós, afinal algumas mulheres nem ao menos percebem como tal questão é construída socialmente e como tem o potencial de agir sobre suas vidas.

Meyer coloca que essa politização da maternidade acaba sendo incorporada pelas políticas de Estado, estando amplamente difundidas pelas revistas, jornais, manuais, televisão, cinema e publicidade. Assim, gradativamente “o modelo da mãe empreendedora e cuidadosa – que provê, cuida e se cuida – triunfa e, ao mesmo tempo, neles se democratiza e se impõe” (MEYER, 2009, página). A repetição desses enunciados faz com que os mesmos sejam incorporados pelo senso comum, norteados formas de ser e agir como mulher mãe.

Tomar conhecimento da criação dos discursos sobre a maternidade e dos elementos neles envolvidos nos dá condições de questionar a conjuntura existente para possíveis mudanças no modo de pensar as mulheres mães, de nos pensarmos e problematizarmos as reais dificuldades que enfrentamos. Desconstruir a visão de um modo ou ideal de maternar coloca-se como caminho latente para a construção de um novo olhar que compreenda as diferentes realidades existentes, que tenha o potencial de dar conta das peculiaridades das maternidades diversas e que não mais exclua e limite, para a construção de performares maternos feministas valorizados socialmente.

Referências Bibliográficas:

- MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2003. Diss. Dissertação de Mestrado.
- MEYER, Dagmar E. A Politização Contemporânea da Maternidade. in: *Gênero Revista do Núcleo de Gênero – NUTEG*, v. 6 n.º 1, 2005, Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/revistagenero/article/view/31010>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- MEYER, Dagmar E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. *Movimento*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 33–58, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2817. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2817>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-comunicação, saúde, educação*, v. 5, p. 47-59, 2001.
- SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, p. 137-150, 2001.
- MOREIRA, Lisandra Espíndula e NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Revista Estudos Feministas* [online]. 2009, v. 17, n. 2 [Acessado 20 Setembro 2022], pp. 569-594. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200015>>. Epub 07 Dez 2009.

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

MATERNAGEM NAS REDES SOCIAIS: A NECESSIDADE DE POLITIZAR OS CUIDADOS MATERNOS NA CONTEMPORANEIDADE

Rosemere Olímpio de Santana¹, Ana Maria Oliveira dos Santos².

Palavras-chave: Maternagem. Instagram. dispositivo materno.

Trabalhar com o tema da maternagem e utilizando fontes do Instagram ainda são novidades no campo historiográfico. As postagens vinculadas nessa plataforma não são definitivas, podem ser excluídas ou simplesmente deixarem de existir. Além disso, é grande a quantidade de material que é publicado constantemente que se utiliza de inúmeras estratégias para capturar o maior número de seguidores. Pesquisar sobre a maternagem a partir das redes sociais não é novidade nas áreas das comunicações, da educação, da sociologia, mas na História são poucos trabalhos produzidos. Poderíamos aqui elaborar uma lista justificando a importância dessa discussão, bem como, a sua relação não só com as mulheres, mas com toda uma sociedade que se organiza a partir de complexas redes de poder/saber e condutas de governo de si e dos outros, mas acreditamos que apresentar as problemáticas produzidas nessa pesquisa já se configura não só como justificativa da sua importância, mas da necessidade de inseri-la em pautas políticas e de políticas públicas. Desta forma, analisamos na plataforma do Instagram, perfis de livre acesso, que mesmo de forma indireta tematizam sobre o materno. A produção discursiva em torno da mulher, principalmente da mulher mãe fez parte de uma estratégia nas mudanças dos mecanismos de poder

da época em que um dos objetivos era regular e ordenar a vida no que Foucault (2000) vai chamar de biopoder. Sendo esse contexto histórico situado entre os séculos XVII e XVIII, marcado pela criação e consolidação dos estados nacionais, a infância passou a ter um novo sentido e as mães estavam intrinsecamente ligadas a ela. Para Ana Luiza Souza (2020) a maternidade é normativa na medida que concerne normas de condutas sociais, nas quais as mães precisam assumir determinadas características e comportamentos, alguns desses elementos são até leis e caso contrariem as normas, as mães podem ser excluídas, condenadas ou até mesmo perder a guarda dos filhos. Mediante isso, o cuidar do filho e ser responsável por seu desenvolvimento ainda é vinculado à figura da mãe, que recebe instruções desde a gravidez de como deve se comportar. Essa discussão é importante porque nos permite pensar os dispositivos que circulam na sociedade que mantêm a maquinaria de produção de uma maternidade compulsória. Segundo Souza (2020, p. 52) "Crianças e mães representam uma importante parcela do mercado capitalista, gerando o consumo de produtos e serviços cada vez mais lucrativos." Diante dessa possibilidade surge com mais destaque a atuação de serviços que se voltam para a preparação dos pais ou cuidadores com relação aos cuidados com a criança. Não se trata

1- Doutora em História pela UFF, Professora Adjunta IV, UACS-CFP, UFCG, Cajazeiras, PB.

2- Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Cajazeiras, PB.

de uma preocupação apenas física, mas de uma condução pautada no respeito e no afeto guiadas pelas teorias da disciplina positiva e/ou parentalidade positiva. Logo as plataformas digitais se tornam eficientes pedagogias culturais de subjetivação da mulher, que aprende como tornar-se mãe. O Instagram se tornou uma das plataformas digitais mais acessadas e por isso, assume hoje também o espaço de disseminador de opiniões, possui o recurso das imagens que não só transmitem informações, mas também chamam atenção de seus internautas, possui a possibilidade também de fazer laives, publicar textos e muitas outras funções, tornando a disseminação dos discursos sobre a maternidade e tantos outros possíveis. É nesse “território digital” que muitas mulheres se sentem à vontade para falar de suas experiências, como a “maternidade real” que implica desmitificar o ideal de mãe perfeita, bem como a romantização da maternidade. Diante desse contexto, a busca em produzir uma identidade materna que esteja preocupada com as necessidades das crianças, principalmente na primeira infância faz parte do desejo de um grande número de mães que consomem vários desses discursos apontando para a criação de sujeitos mais felizes, preocupados com as questões étnicas, da natureza e conseqüentemente com menos traumas que seus pais. Toda essa produção, faz parte da pedagogia cultural em torno da maternidade. Assim, iremos apresentar rapidamente os perfis analisados à medida que iremos problematizar o caminho dessa produção pedagógica. Toda essa produção discursiva nomeia o que é ser “mãe”, já que essa só existe em relação a um outro, assim como o sujeito não pode fundar a si mesmo e o “eu” “não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas” (BUTLER, 2015 p.18). O alcance de

perfis como o de @lsa Minatel, @Elisama Santos, @Cantomaternar, @lua barros, @Flavia Calina, e de tantos outros que tematizam sobre a maternidade constroem o que Butler (2014, p. 39) chama de “matriz de inteligibilidade”. Em grande medida, estas mulheres se entendem e se fazem mães em processos reflexivos que operam dentro de uma simbologia ainda limitada, “composta dos signos disponíveis e que elas se propõem a ampliar e subverter, mas que acabam por fazê-las escorregar nas mesmas normas existentes que pressupõe uma maternidade e uma criança apriorística.” (Leite, 2021, p. 206). Essa discussão nos ajuda a pensar que mesmo que esses perfis, em certa medida, produzam um maternar mais respeitoso com a criança e até mesmo com as mães, apontando a necessidade de revermos como olhamos para as crianças e conseqüentemente para as nossas relações pessoais com outros sujeitos, também intitue uma maneira correta de agir e que fora dela, a relação com a criança tende a fracassar, e conseqüentemente o maternar também, nem sempre levando em consideração as desigualdades presentes nas relações elas ainda não se expressam e quando o fazem nem sempre são ouvidas. Existe o reconhecimento da opressão e das desigualdades que afetam as mulheres – mães, atrelado a um posicionamento feminista dessas mulheres, mas ao mesmo tempo, com uma (re)leitura desse feminismo que nem sempre tratou a questão da maternidade como possibilidade para o feminino de forma positiva. Dentre essas questões percebemos os discursos sobre o sagrado feminino, o feminismo matricêntrico, feminismo materno. Geralmente são mulheres com posicionamentos políticos, Elisama Santos, por exemplo é umas das poucas mulheres negras nesse ramo, mas que acreditam que os filhos podem representar uma espécie de “redenção” dos erros passados.

Ao mesmo tempo em que esses perfis fazem uma crítica à essencialização de corpos femininos (que chamam ora de patriarcado, ora de machismo, ora de construção social), elas reforçam o lugar do “natural” e do “ancestral” como um lugar ético que precisa ser resgatado, ignorando que o próprio discurso sobre a natureza, o corpo e o cuidado está impregnado do próprio sistema que elas criticam. Afinal, esse é o mesmo sistema que nos interpela e que existe desde sempre e é “instituído com o tempo e com um grande custo para os instintos humanos” (BUTLER, 2015 p. 14). Para Leite (2021) é necessário desmoralizar e politizar este debate acerca do cuidado no materno. Para a autora é imprescindível para avançarmos no questionamento, e conseqüentemente na compreensão, de quem se serve dos diversos discursos sobre maternidade que fazem com que “o poder se mantenha e seja aceito simplesmente porque ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 8). Assim, se queremos democratizar o cuidado, é urgente que se faça, então, “uma crítica à despolitização das relações de cuidado e dos afetos que estas engendram e, sobretudo, à sua consequência: a exclusão, no debate público, de valores, linguagens e preocupações que se estabelecem a partir das posições das mulheres nas relações de cuidado” (BIROLI, 2018, p. 68).

Referências Bibliográficas

BIROLI, Flavia. Cuidado e Responsabilidades. In: BIROLI, Flavia. Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 52-88. Edição do Kindle.

BRAGA, A. (2020). Maternidades digitais, identidade, classe e gênero nas redes sociais. *Rázon y Palabra*, 24(108). <https://doi.org/10.26807/rp.v24i108.1659>.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987. p. 139-54.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*; tradução Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Filô). Edição do Kindle.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.

LEITE, Tayná Kalindi Limpas Vieira da Rocha. *Criação com apego: narrativas da maternidade apegada, reflexividade e problematizações*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia. UFP. Curitiba, 2021.

MARCELLO, Fabiana Amorim. *Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão*. *Revista Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann. *Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos*. *Movimento*, Porto Alegre, v.9, n.3, pp 38-52, 2003.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. *Tensionamentos maternos na contemporaneidade: articulações com o cenário brasileiro*. *Revista Crítica de Ciências Sociais [online]*, 123|2020, dez 2020.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático
MATERNIDADE E CULTURA



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



NÚCLEO
VIRTUAL
DE PESQUISA
EM GÊNERO E
MATERNIDADE



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

APRESENTAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA SOBRE AS MULHERES NA AMAMENTAÇÃO PROLONGADA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Paula Alves Araújo¹, Leiner Resende Rodrigues², Marli Aparecida Coimbra³.

Palavras-Chave: Aleitamento Materno. Desmame. Saúde Pública.

A Organização Mundial de Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida bebê e, complementar até os dois anos de idade ou mais da criança (WHO, 2003). O aleitamento materno melhora a nutrição infantil de forma eficaz e econômica, reduz a morbimortalidade, fortalece o sistema imunológico, proporciona o vínculo mãe-filho, bem como promove a saúde materna, sendo que as políticas públicas visam estimular a adesão à prática da amamentação (ALMEIDA, LUZ, UED., 2015; ROLLINS, et al., 2016; NASCIMENTO et al., 2022). O aleitamento materno constitui prioridade em Saúde Pública devido aos múltiplos benefícios que oferece para a saúde materno infantil (PEREZ et al., 2018). Portanto, há necessidade de criar políticas e estruturas que facilitem a promoção e apoio ao aleitamento materno. (ROMAO et al., 2017). A atual Política Nacional de Aleitamento Materno brasileira salienta a importância do aleitamento materno, em geral, para a saúde da criança, sendo que as mulheres não são compreendidas e tratadas como protagonistas da prática da amamentação (KALIL; AGUIAR, 2017). Para as mulheres que desejam se tornar mães, o aleitamento materno e o desmame perfazem uma questão social, histórica, cultural e subjetiva (SOUTO, 2015).

Eventualmente, se a sociedade alcançar uma cultura de aleitamento materno muito relevante haverá motivação externa para que mães prolonguem a amamentação se tiverem reconhecimento social significativo, acompanhado de forma mais consistente pelos benefícios relacionados (MARTÍNEZ-POBLETE; OSSA, 2020). A vigilância e coerção social podem estar vinculadas com o desmame, uma vez que o aleitamento é alvo de especulações sobre quando deve cessar por completo (SOUTO, 2015). Portanto, a amamentação prolongada é o tema de interesse do estudo por estar relacionado a maternidade sob diversos aspectos.

Objetivo: O presente estudo visa descrever a experiência da apresentação de um projeto de pesquisa enquanto discente de um programa de Pós-graduação.

Método: Trata-se de um estudo descritivo realizado em outubro de 2022. Refere-se a um relato de experiência sobre a apresentação de um projeto de pesquisa sobre amamentação prolongada em uma disciplina de doutorado de uma universidade pública na região do triângulo sul em Minas Gerais. A disciplina é intitulada Seminários

1- Universidade Federal do Triângulo Mineiro - E-mail: apaula.alv@gmail.com

2- Universidade Federal do Triângulo Mineiro - E-mail: leiner.r.rodrigues@gmail.com

3- Universidade Federal do Triângulo Mineiro - E-mail: leiner.r.rodrigues@gmail.com

Avançados de Pesquisa. A referida disciplina contribui para o aprimoramento e ampliação do conhecimento na área da pesquisa, conta com a participação de renomados professores nacional e internacionalmente.

A participação dos alunos acontece pela troca de saberes com os professores e a confecção e apresentação dos projetos de pesquisa por meio de seminários, o que constitui um dos requisitos para a avaliação. Neste período, foi realizado a apresentação do projeto de pesquisa sobre mulheres na amamentação prolongada com uso de recursos de multimídia como data show e ferramenta de apresentação de slides.

Resultados: No decorrer da apresentação do seminário sobre o projeto de pesquisa de mulheres na amamentação prolongada houve muita discussão e apontamentos, o tema foi inovador para muitos profissionais de saúde discentes do curso de doutorado. Após a apresentação, os alunos realizaram questionamentos sobre o projeto e os professores que estavam presentes também contribuíram. A temática despertou interesse e inquietação, embora estivéssemos em um meio acadêmico o fato de a amamentação poder perdurar por 2 anos ou mais causou estranheza. Foi discutida a falta de consenso em qual idade deve ocorrer o desmame. Foi apontado, inclusive que há pesquisadores que sugerem que o aleitamento possa perdurar por até 7 anos. Muitos ficaram perplexos com esta informação, o que demonstrou pouca informação a respeito da temática. A relevância deste trabalho relaciona-se com o debate sobre a maternidade e o protagonismo feminino diante do prolongamento da amamentação.

Conclusão: A partir da experiência vivenciada pôde-se perceber que

o aleitamento materno precisa levar em consideração as questões sociais, emocionais e o contexto no qual a mulher está inserida. Considera-se que as discussões sobre a temática ampliaram o conhecimento dos presentes, porém demonstrou a necessidade estender a discussão sobre o tema para o protagonismo feminino na prática do aleitamento materno cabendo ao binômio mãe e filho definir o momento adequado para o desmame.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. M.; LUZ, S. A. B.; UED, F. V. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 33, n. 3, p. 355-362, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822015000300355&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 out. 2022.

KALIL, I. R.; AGUIAR, A. C. Silêncios nos discursos pró-aleitamento materno: uma análise na perspectiva de gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 637-660, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JfhzM9SXMSGKTD55WnTXwJy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.

MARTÍNEZ-POBLETE, G.; OSSA, X. Motivações para o prolongamento da amamentação. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/kzPd8446Ff9H9pGWn76gBMq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 03 nov. 2022.

NASCIMENTO, L. C. da C.; et al. The importance of public policies to encourage exclusive breastfeeding in infants in Primary Care: an integrative review. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e83111133272, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.33272. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33272>. Acesso em: 4 nov. 2022.

PÉREZ, M. C. H. et al. Effectiveness of an

intervention to improve breastfeeding knowledge and attitudes among adolescents. *Revista Espanola de Salud Publica*, v. 92, 2018. Disponível em: <http://www.mscbs.es/biblioPublic/publicaciones/recursos_propios/resp/revista_cdrom/VOL92/ORIGINALES/RS92C_201806033>. Acesso em: 01 jun. 2022.

ROLLINS, N. C et al. Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices? *Lancet*, v. 387 n.10017, p. 491-504. 2016. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)01044-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)01044-2/fulltext)>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ROMAO, P. et al. Aleitamento materno: o que mudou em 12 anos. *Nascer e Crescer*, v. 26, n. 3, p. 171-177, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/nascercrescer/article/view/13491>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOUTO, D. C. Amamentação de crianças com idade superior a dois anos: experiências maternas. 2015. 126 p. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Psicologia). Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://w3.ufsm.br/ppgp/images/Dissertacao_formatada_Daniele.pdf. Acesso em: 04 nov. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO); UNITED NATION CHILDREN'S FUND (UNICEF) Global strategy for infant and young child feeding. Geneva: WHO, 2003. 37 p.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

REPENSANDO AS AGENDAS DE CUIDADO PÓS-ISOLAMENTO SOCIAL: UM RELATO SOBRE UMA PESQUISA DE CAMPO NA ARGENTINA

Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo¹.

Introdução

Durante minhas pesquisas em curso no pós-doutoramento no Programa de Pós Graduação em Estudos Comparativos sobre as Américas (UnB) venho refletindo sobre possíveis reconfigurações nas agendas de cuidados das mulheres durante a pandemia de COVID-19, com intuito de compreender a relação entre o cuidado, a domesticidade e a maternidade no Brasil e na Argentina. Analiso se aconteceram modificações ou não as lógicas laborais e de provisão de cuidado, impactando material e subjetivamente os que cuidam e os que eram cuidados (CASTILLA, KUNIN, ESMORIS, 2020). Este relato de experiência evidencia o meu lugar de fala enquanto pesquisadora mãe negra e minhas percepções no processo de construção do conhecimento, centrado em seus aspectos subjetivos. O texto tem enfoque qualitativo e usa técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e narrativa autobiográfica.

Refletindo sobre o cuidado teoricamente

O cuidado faz parte de uma divisão sexual do trabalho pautada em uma construção histórica e cultural dos papéis de quem cuida e quem deve

receber cuidado. As mulheres vivenciam de formas distintas as experiências de cuidado (KUNIN, 2019). As assimetrias de gênero influenciam as relações laborais, e dividem o campo do público e privado, da vida familiar e vida profissional, mercantil e não-mercantil, produção e reprodução.

No Brasil, além da questão de gênero, tem o recorte racial quando falamos de cuidado. Por exemplo, o trabalho doméstico para as mulheres negras após a escravidão assumiu formas variadas como lavadeiras, cozinheiras, por exemplo, construindo relações pautadas em laços de favor ou compadrio (GONZALEZ, 1982).

Os trabalhos vinculados ao “care” estão no centro do quadro social, sendo fundamentais para o funcionamento da sociedade. E seu reconhecimento, principalmente em tempos de pandemia, evidencia que a vulnerabilidade e a interdependência fazem parte da condição humana, e não são noções apenas vinculadas a grupos considerados vulneráveis (REDONDO, 2020). Nesse sentido, se reconhece o cuidado como “una necesidad y un derecho universal para hombres y mujeres (QUIROGA DIAS, 2011, p.106).

1- Pós-doutorado no Programa de Estudos Comparados da Américas (UNB).

Para exemplificar como essas assimetrias se revelam na realidade social pode-se citar o Relatório da CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, que afirma que em 2020, registou-se uma contundente saída das mulheres da força de trabalho, que, por ter que atender às demandas de cuidados em seus domicílios, não retomaram a procura por emprego.

Observamos que as assimetrias de gênero influenciam nas relações laborais assalariadas e de cuidado. O que se observa hoje é que foi colocado uma lente de aumento sobre o cuidado (CARNEIRO; MULLER, 2020). É inegável a visibilidade que se deu ao cuidado enquanto práticas fundamentais para a configuração dos vínculos e relações (MARTINEZ, 2020).

Todavia, deve-se refletir se, no contexto de pandemia, o que marca as reconfigurações das lógicas de cuidado, apenas uma visibilização do termo ou uma real mudança nas relações sociais? Observo que em um primeiro momento, os estudos brasileiros e argentinos apontavam para um possível novo paradigma dos cuidados, mas já se observa que apesar de mudanças legislativas e nas políticas públicas, as relações entre homens e mulheres no âmbito da domesticidade pouco alterou as lógicas de cuidado, construídas historicamente de forma assimétrica.

Outra questão que se colocou foi sobre as dificuldades das mulheres mães se manterem estudando com qualidade, sobretudo quando fazemos uma leitura de raça, maternidade solo, território de moradia, que revelam cada vez piores a qualidade do acesso e condições de estudo dessas mulheres. (MULLER e CARNEIRO, 2020). Mas, como essas complexidades e contradições se dão de dentro do processo investigativo? Quais seriam as diferenciações e as aproximações entre nós e as pesquisadoras argentinas?

Refletindo sobre as agendas de cuidado a partir da minha experiência

Em outra oportunidade acadêmica pude apresentar meu relato de experiência sobre o processo de finalização do meu doutorado, em 2021. Estava finalizando o doutorado na Universidade Federal do Sul da Bahia, Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade, quando a pandemia começou, as aulas presenciais nas escolas foram extintas e fiquei com duas crianças menores de doze anos em casa. E tive que dividir meu tempo com as tarefas de cunho educacional delas também.

Passei por um processo de transição profissional, decidi viajar para a casa da minha mãe, no interior do Estado do Rio de Janeiro, onde passei quatro meses finalizando a tese e também aprendendo a empreender nas redes sociais (e que pese todos os preconceitos que se tem desse tipo de atividade, agora mais comum após o ápice da pandemia e o processo de migração para o mundo virtual).

A ampliação da minha rede de cuidados, ainda mantendo como base principalmente as mulheres da minha casa (mãe, irmãs e tia), foi fundamental para a finalização do texto da tese, além do trabalho em home office. As mudanças advindas da pandemia impactaram muito a minha produção acadêmica, influenciando no aumento de publicações em coautoria (mas, mesmo assim diminuiu muito a quantidade de submissões e participações em eventos).

No meu âmbito doméstico, mudanças também aconteceram (mas, com as dificuldades evidentes de desnaturalização do cuidado na figura feminina), são processo contínuos de micro revoluções, necessárias para se alcançar uma igualdade de gênero. A entrada no pós-doutorado também ajudou no processo de problematização da

temática, inclusive no reconhecimento do meu lugar enquanto sujeito da pesquisa.

Além das leituras, e da oportunidade de integrar a equipe de coordenação do Seminário Internacional, que aconteceu na Universidade de Brasília em agosto de 2022, outra experiência importante para meu processo de problematização foi a pesquisa de campo realizada em outubro de 2022 na Argentina.

Na ocasião, pude observar que as pesquisadoras argentinas também foram impactadas pela pandemia, mas percebi que as lutas feministas no país deram maior pressão para mudanças legislativas e de políticas públicas, por exemplo, se discute hoje um Sistema de Cuidados em âmbito nacional. Nas entrevistas e participações de eventos também observei que a ausência de uma força política religiosa/conservadora possibilita um espaço de discussão mais aberto para o tema, tanto em nível comunitário, acadêmico ou midiático.

Considerações Finais – Estudos em andamento

A pesquisa ainda se mantém em execução, com o desafio de se compreender mais profundamente os enredos culturais e sociais que impactam as agendas de cuidado em ambos os países. Na Argentina, apesar dos avanços apontados, as pesquisas sinalizam poucas revoluções no âmbito das relações de gênero e domesticidade. No Brasil, foram poucos avanços legislativos, pode-se citar a elaboração do Protocolo de Julgamento com Perspectiva de Gênero (CNJ), sem alterações substanciais nas políticas públicas. O caminho da pesquisa vai organizar em que dimensões se pode falar em reconfigurações das agendas de cuidado, e quais os limites dessas transformações, levando-se em conta as diversidades de classe, gênero e raça.

Referências Bibliográficas

CASTILLA, María Victoria; Johana, KUNIN; ESMORIS, María Florencia Blanco. Pandemia y novas agendas de cuidado. Documento n°8/2020. Secretaría de Investigación Instituto de Altos Estudios Sociales IDAES | UNSAM ISSN 1851-8788.

CARNEIRO, Rosamaria; MULLER, Elaine. Afinal, quanto de extraordinário a pandemia de COVID-19 soma na vida das mulheres mães? Revista *Áltera*, v.1, n.10, 2020.

GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra cumé que fica? *Jornal Mulherio*, ano II, n. 7, maio-junho, 1982.

KUNIN, J. El poder del cuidado: Mujeres y agencia en la pampa sojera argentina/Le pouvoir du Care: L'agentivité des femmes dans la pampa argentine au temps du soja OGM. Tesis de Doctorado en cotutela presentada a la École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Francia) y al Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES), Universidad Nacional de San Martín (Argentina), como parte de los requisitos necesarios para la obtención del título de Doctora en Antropología Social, 2019.

MARTINEZ, Josefa. Las que cuidan. Nueva Sociedad. 2020. Disponível em: <https://cxtx.es/es/20200401/Politica/31865/trabajo-precarizado-cuidados-pandemia-coronavirus-cuerpos-josefina-martinez.htm> Acesso em: 14 ago. 2022.

QUIROGA DIAZ, Natalia. Economía del cuidado. Reflexiones para um feminismo decolonial. Ver. *Casa de la Mujer* ISSN 2215-2725. N°20 (2): 97-116, julio-diciembre 2011.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático

MATERNIDADE E CULTURA

O MANEJO DA AMAMENTAÇÃO NO RETORNO AO TRABALHO: CONSTRUÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE ESCUTA E AÇÕES JUNTO A EQUIPE PROFISSIONAL

Deise de Oliveira Rezende Xavier¹.

Palavras-Chave: Amamentação. Trabalho. Diálogo.

Questão central: Continuidade da Amamentação após o retorno ao trabalho.

Metodologia e Proposta: Apontamento da situação problema e construção coletiva das possíveis estratégias para a sua resolução.

O retorno ao trabalho após a licença maternidade é um assunto amplamente discutido por conta dos impactos da rotina da mulher e agora mãe, do bebê e conseqüentemente das relações interpessoais. Quando o assunto é sobre a escolha em manter o aleitamento materno exclusivo, a primeira limitação encontrada é a licença ser apenas quatro meses e a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde são de manter 6 meses exclusivamente, logo, voltando ao trabalho antes desse tempo, há um grande impacto nessa questão.

A lei nos garante até os seis meses ter direito a sair 1 hora antes ou tirar quinze dias conforme acordo entre empregador e empregado. Dessa forma, algumas estratégias precisam ser tomadas e essa construção ainda se dá durante na licença e a busca de informações em como organizar um estoque de leite efetivo precisam ser analisadas.

Trago, dentro da minha realidade, uma construção de busca de informações científicas com o Centro de Aleitamento Ana Abrão _UNIFESP sobre esse manejo, além de conversas com uma consultora de aleitamento materno.

Assim, conforme as viabilidades, iniciei o estoque, calculando o tempo dispendido, quantidade de leite extraído e necessidades diárias do meu filho. Por conta desses quatro meses ter optado pela livre demanda, precisava retirar o leite dentro do horário de trabalho. Junto à minha equipe, profissionais da área da saúde, em específico Educação Física, levei minhas necessidades a equipe gestora e organizamos um horário fixo para que eu fizesse a extração, na sala de avaliação médica da instituição que trabalho (SESC). Nisso, toda equipe de professores estava ciente que eu ficaria fora por um período e todos concordaram que era oportuno e necessário. Porém, dois dias da semana esse horário era destinado a reunião em comum dos professores e gestores e esse horário deveria então ocorrer uma hora antes e isso impactava na quantidade de leite extraído.

Conversamos novamente junto a equipe se haveria a possibilidade de realizar essa extração durante as reuniões e a partir dessa demanda, iniciamos um grupo de mulheres que tinham o desejo de se pensar sobre as necessidades das mães, gestantes e tentantes e como o local de trabalho poderia facilitar processos importantes da maternidade, como a amamentação.

Foi um processo acolhedor em que estávamos discutindo as necessidades do trabalho, mas também estávamos admitindo uma necessidade pessoal de forma respeitosa e até estimuladora para manter as condições básicas do aleitamento.

Para organizar de forma efetiva todas essas questões a gestão propôs um grupo de discussão dentro da plataforma online de trabalho para registrar as pautas e 10 minutos antes de iniciar a pautas formais nas reuniões presenciais, colocávamos nossas questões maternas e profissionais em roda e a partir das discussões, criamos o projeto para reformar uma sala em desuso para a extração de leite e ampliamos, de forma efetiva e sempre a priori, da escolha da mulher, em ter mais espaços para o momento da extração. No meu caso extrair leite no momento da reunião foi um passo muito grande para que pessoas que não adentraram o mundo materno ou paterno, entender que são muitas as questões a serem pensadas e cuidadas quando falamos em cuidar de um ser e discutir sobre a importância da amamentação é um ato educativo e político.

Durante semanas nos debruçamos no projeto da sala para extração de leite e pontuamos o que seria necessário como equipamentos, decoração, o que queríamos que essa mulher encontrasse nessa sala e a partir disso foi feito um croqui pela gestão e submetido para liberação de verba para a reforma.

Esse foi o primeiro movimento mais significativo e as expectativas aumentaram quando vimos que as demandas eram das mais variadas ordens e nos diálogos, nas partilhas entre mulheres e suas experiências, poderíamos encontrar novos caminhos e desenvolver estratégias mais efetivas nos desafios diários.

O grupo tomou grandes proporções e nossos próximos objetivos são de estender as discussões de modo a atingir mais mulheres que passam por esse processo para além da equipe profissional e colocar como programação na unidade, visto que oferecemos atividades de forma mensal, nas áreas de saúde, educação não formal, cultura e lazer, temas da maternidade, paternidade e parentalidade durante todo o ano de 2023 afim de criar um projeto de acessibilidade de informação e acolhimento as mães, pais, seus filhos e cuidadores, criando redes fortes, pessoas bem informadas e que assim tornem seu papel de cuidadores de forma mais leve, assertiva, amorosa e com base sólida na educação respeitosa e mais próxima possível do bem estar e da saúde de todos.

RESUMOS EXPANDIDOS
Eixo temático
MATERNIDADE E INTERSECCIONALIDADES



**II SEMINÁRIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

Eixo temático

MATERNIDADE E INTERSECCIONALIDADES

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: PERFORMATIVIDADE DE RAÇA E TRAJETÓRIA TEXTUAL NA INTERNET.

Danielle da Silva Santos de Oliveira¹, Glenda Cristina Valim de Melo².

Palavras-chave: violência obstétrica. mulher negra. racismo obstétrico.

Introdução:

Esta investigação se ancora no campo da Linguística Aplicada Transgressiva e tem como objetivo analisar narrativas online de mulheres negras sobre a violência obstétrica sofrida por tais mulheres. Nas áreas da saúde, encontramos várias pesquisas que abordam a violência sofrida por muitas mulheres negras no parto pela equipe médica, contudo, há um silenciamento sobre este tema quando nos voltamos para o campo dos estudos linguísticos aplicados. Pretende-se, então, entender como ocorre a performatividade de raça e gênero nas narrativas destas mulheres. Para tal, a pesquisa está embasada nas concepções de linguagem como performance (AUSTIN, [1962]1990; DERRIDA ([1972]1988)), nas perspectivas de raça, gênero e sexualidade do ponto de vista das Teorias Queer (BARNARD, 2004, BUTLER, 2004, SULLIVAN, 2003, WILCHINS, 2004).

Objetivo:

Analisar as indexicalidades mobilizadas nas performances discursivas sobre violência obstétrica contra as mulheres negras e compreender como ocorre a performatividade de raça.

Os objetivos estão relacionados às seguintes perguntas de pesquisa:

- Que discursos e memórias sobre a violência obstétrica são mobilizados nas performances discursivas de mulheres negras?
- Como a performatividade de raça é observada nas narrativas destas mulheres?

Ao nos depararmos com a ausência de estudos sobre o tema, assumimos o objetivo secundário de ampliar a gama de estudos que auxiliam a compreensão da relação entre a linguagem, gênero e raça no contexto brasileiro.

Metodologia:

A pesquisa se insere no âmbito da pesquisa qualitativo-interpretativista, pois compreende o pesquisar pelo viés sócio-histórico, entendendo que a produção de verdades a respeito dos objetos de conhecimento são produções discursivas situadas (MOITA LOPES, 1994:331).

1 - Autora. Centro de Letras e Artes; Escola de Letras; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
2 - Orientadora. Programa de Pós-graduação em Memória Social; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Este estudo tem caráter etnográfico na internet, pois segundo Evans (2010, p. 12), o trabalho do etnógrafo em contexto digital é analisar o texto “em tela”. Concordamos com Hines (2000, 2005), Guimarães (2005) e Parreiras (2011) de que é preciso repensar a etnografia para internet, já que o ciberespaço modificou e reconfigurou conceitos de presença, tempo, espaço e a própria realidade.

Iniciamos com a busca dos termos “violência obstétrica mulheres negras” nas plataformas Google, Instagram, Youtube e Twitter. Após o levantamento textos multimodais, realizamos um processo de seleção baseado em números de acessos, comentários, curtidas e compartilhamentos elegendo aqueles com maior movimentação do debate da temática. Na primeira fase da pesquisa usamos para dados:

Youtube – Título: A dor reprimida: violência obstétrica e mulheres negras
Canal: Mariana Sales; Postado em: 09 de fevereiro de 2017; Acesso em 13 de outubro de 2020

Site: Mundo Negro

Texto: “Disseram que meu bebê tomou pinga!” A dor das mulheres negras na hora de dar a luz, vai além do parto”; Postado em: 15 de dezembro de 2018; Acesso em 15 de outubro de 2020

Youtube – Título: Racismo no Parto? O que é Violência Obstétrica

Canal: Ad Junior; Postado em: 16 de dezembro de 2018; Acesso em 15 de outubro de 2020

Na segunda fase, utilizamos textos com estatísticas e relatos de mulheres não somente nas caixas de comentários, mas também em sua estrutura, fazendo um cruzamento de dados e relatos. Temos como dados:

Site: Alma Preta Jornalismo

Texto: “Segundo Ministério da Saúde, 62,8% das mulheres mortas durante o parto são negras” Postado em: 06 de março de 2018; Acesso primeira vez em: 15 de outubro de 2020

Site: Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO)

Texto: “Mulheres Negras sofrem mais violência obstétrica”; Postado em: 06 de março de 2020; Acesso primeira vez em: 18 de outubro de 2020

Site: Observatório de Análise Política em Saúde no Brasil

Texto: “Violência Obstétrica e o viés racial”; Postado em: 16 de dezembro de 2018; Acesso primeira vez em: 18 de outubro de 2020.

Site: Universa Uol

Texto: “Sua raça é resistente à dor: mulheres relatam racismo em consulta médica” Postado em: 26 de fevereiro de 2021; Acesso primeira vez em: 12 de maio de 2022

Para analisar os discursos digitais utilizamos o conceito da linguística folk de Marie-Anne Paveau (2013), que se ocupa em compreender as práticas linguísticas dos não linguistas.

Resultados:

Os resultados iniciais apontaram que a violência obstétrica contra mulheres negras, se origina no estereótipo da mulher negra forte, e tem consequências diretas em suas vidas. Uma delas são as constantes falas violentas que parturientes negras são obrigadas a ouvir:

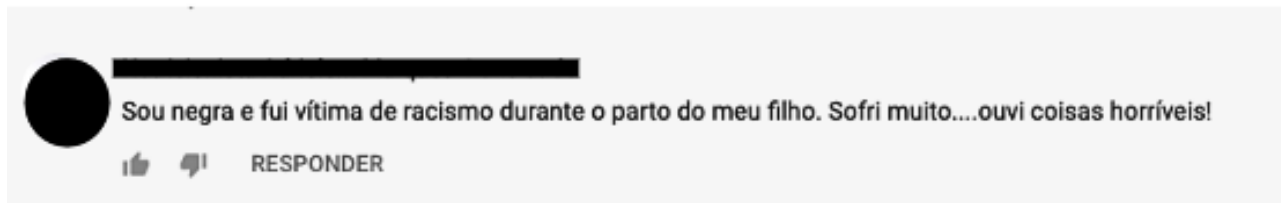


Imagem: das autoras (2022).

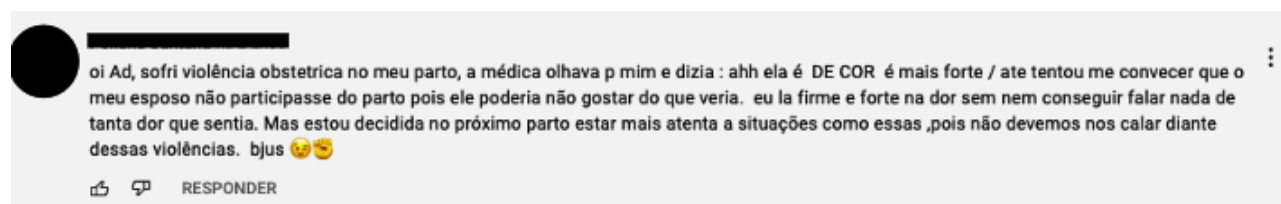


Imagem: das autoras (2022).

Um resultado inesperado, mas significativo, é o apagamento do sofrimento da mulher negra. Como a violência obstétrica é uma triste realidade para muitas mulheres, é comum encontrar comentários como:

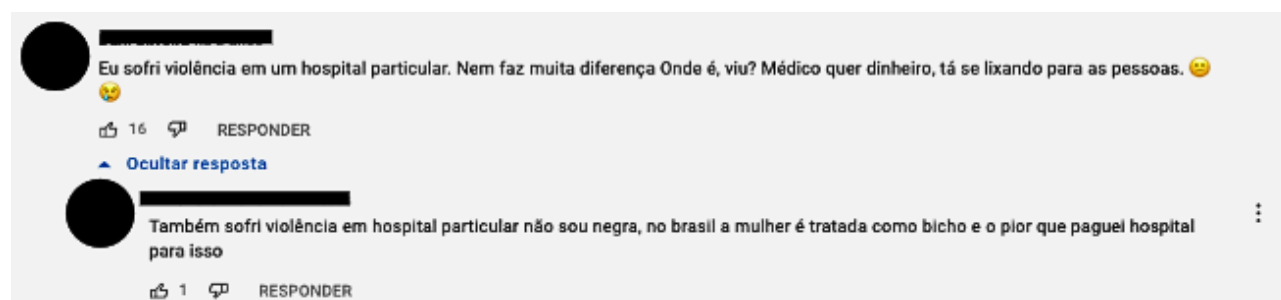


Imagem: das autoras (2022).

Na segunda fase os resultados apontam que o imaginário racista de que a população negra é mais forte portanto, suporta qualquer tipo de dor, se manifesta de maneira violenta durante a gravidez. Graças a estereótipo, mulheres negras são os maiores alvos de violência obstétrica:

A violência obstétrica atinge uma em cada quatro mulheres no nosso país, de acordo com o Ministério da Saúde. E dessas, alvos da violência obstétrica, 65,9% são negras.

Além disso, a mesma pesquisa mostra que somente 27% das negras gestantes obtiveram acompanhamento durante a gestação. Um dado ainda mais alarmante dessa apuração: 62,8% das mortes maternas são das negras.

O motivo para os números é o racismo, a objetificação e principalmente a alusão da "mulher negra forte", de acordo com a enfermeira e negra [redacted] trabalha em um hospital público e relata que já presenciou muitos casos de racismo com gestantes, todos semelhantes.

"As mulheres negras são extremamente estereotipadas, as gordas principalmente. Como trabalho na maternidade, sempre presencio casos de maus tratos e falta de paciência com as mulheres grávidas, mas as negras são sempre mais excluídas. Essa ideia de que nós suportamos tudo é muito presente, principalmente entre os médicos homens", aponta.

Imagem: das autoras (2022).

A análise mostra que discursos de violência obstétrica encontrados apontam para desumanização das mulheres negras. A performatividade de raça, articulada com gênero e classe é construída no descaso, desprezo e no discurso de uma suposta força racial negra que obrigaria esta mulher a viver violências que lhe tiram a vida. Butler (2018) nos diz que a violência tem início no nível discursivo.

Conclusões:

A pesquisa aponta que o imaginário nacional, formado ainda no período colonial, afeta ainda hoje as mulheres racializadas até em um dos momentos de maior fragilidade. No entanto, é possível perceber, com base nos dados, que é partir dos relatos dessas mulheres que denunciam essa realidade, que mudanças começam a acontecer. Através desses relatos, mulheres negras movem-se da figura de vítimas e assumem o papel de protagonistas de mudanças sociais.

Relevância da Pesquisa:

Segundo Gomes (2015), ainda há poucos estudos que investiguem a relação linguagem, raça e poder e não é mais possível para os estudiosos da linguagem apenas focarem-se em descrições conceituais que não contribuem para a compreensão da relação entre “a linguagem e os dilemas que vivemos no século XXI, daí a relevância dessa pesquisa, ampliar o número de estudos sobre o assunto.

Referências Bibliográficas:

A dor reprimida: violência obstétrica e mulheres negras. Mariana Sales. Youtube. 09 de fevereiro de 2017. 26m55s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vSisihZCnHg>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

AUSTIN, J. L. ([1962]1990). Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas.

BARNARD, I. . Queer race: cultural interventions in the racial politics of queer theory. New York: Peter Lang. 2004.

BLOMMAERT, J..The Sociolinguistics of Globalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BUTLER, J.. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. In: BIAL, H. (Org). New York: The performance studies reader. 2004.

DERRIDA, J..Signature event context. Limited inc. Evanston. Northwestern University Press, p. 1-23, ([1972]1988).

MELO, G. C. V. de. (2017). A web como espaço de esperança para os coletivos de mulheres negras. In: Paula Restrepo; Juan Carlos Valencia Claudio Maldonado Rivera. (Org.). Comunicación y sociedades en movimiento: la revolución sí está sucediendo. Ied. Quito: Ediciones Ciespal, p.149-173.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativa em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. *Delta*, PUC, São Paulo, v. 10, n 2, . p.329-338, 1994.

Mulheres Negras sofrem mais violência obstétrica. Hara Flaeschen. 06 de março de 2020. ABRASCO. Disponível em:
<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>. Acesso em 13 de maio de 2022.

NASCIMENTO, Silvia. "Disseram que meu bebê tomou pinga!" A dor das mulheres negras na hora de dar a luz, vai além do parto. *Mundo Negro*, 15 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/disseram-que-meu-bebe-tomou-pingaa-dor-das-mulheres-negras-na-hora-de-dar-a-luz-vai-alem-do-parto/>>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

PARREIRAS, C. "Não leve o virtual tão a sério"? – Uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no online. In: FERIARI, D. M., CUNHA, F. M. e DULLEY, I. *Etnografia, etnografias – Ensaio sobre a diversidade do fazer antropológico*, 2011.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguística folk: uma introdução*. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020

Racismo no parto? O que é violência obstétrica. Ad Junior. Youtube. 16 de dezembro de 2018. 5m26s. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QvkWf5ZS4nQ&t=2s>>. Acesso em 15 de out. 2020.

Segundo Ministério da Saúde, 62,8% das mulheres mortas durante o parto são negras. Anna Laura. *Alma Preta Jornalismo*. 06 de março de 2018 Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/politica/segundo-ministerio-da-saude-62-8-das-mulheres-mortas-durante-o-parto-sao-negras>>. Acesso 13 de maio de 2022

Sua raça é resistente à dor: mulheres relatam racismo em consulta médica. Marília Moreira. *Universa Uol*. 26 de fevereiro de 2021. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/azmina/2021/02/26/sua-raca-e-resistente-a-dor-mulheres-relatam-racismo-em-consulta-medica.htm>> Acesso em: 12 de maio de 2022

Violência Obstétrica e o viés racial. Emanuelle Goes. *Observatório de Análise Política em Saúde no Brasil*. 16 de dezembro de 2018. Disponível em:
<<https://www.analisepoliticaemsaude.org/oaps/documentos/pensamentos/147153503857b5d7be5878b/>>. Acesso em 18 de outubro de 2020

RESUMOS SIMPLES
Eixo temático
MATERNIDADE E SAÚDE



**II SEMINARIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E SAÚDE

ENTREVISTANDO MÃES UNIVERSITÁRIAS: O HISTÓRICO DA MATERNIDADE E AS IMPLICAÇÕES NOS PROJETOS DE VIDA

Marcella Sandim C. G. Ferreira¹.

Palavras-chave: Mães. Saúde Mental. Universidade.

O entrelaçamento da mulher moderna ao papel materno tradicional implica em exigências culturais e sociais que produzem múltiplas jornadas. Diante das distintas fontes de insegurança sobre a prioridade da vida, a mulher-mãe estará inclinada a atender às necessidades de um lado em detrimento de outro. Tais condições podem gerar sobrecarga, elevar os níveis de estresse e provocar danos à saúde. Este trabalho compreende o resultado parcial de uma pesquisa-intervenção em saúde mental materna, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ, com o objetivo de fortalecer fatores de proteção à saúde de mulheres-mães universitárias a partir de uma intervenção online em grupo. O enfoque será dado às informações obtidas em entrevistas prévias, realizadas de modo individual, com 25 mulheres que se inscreveram para o trabalho grupal, todas elas vinculadas a cursos universitários de graduação ou pós-graduação, de instituições públicas ou privadas do Brasil, com filhos até cinco anos. Aspectos relativos aos desafios da chegada de um filho e os cuidados direcionados à ele foram identificados como fatores que contribuíram para a interrupção ou adiamento dos projetos profissionais e acadêmicos, principalmente pautados por uma rede de apoio considerada insuficiente ou ausente. Desse modo, deseja-se biografar os caminhos que mobilizam as mulheres diante dos desafios da conciliação do exercício da maternidade com o projeto de vida acadêmico e extrapolam as paredes universitárias.

RESUMOS SIMPLES

Eixo temático

MATERNIDADE E SAÚDE

PRODUÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E O OLHAR DA PSICOLOGIA ENTRE 2012 A 2022: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Stefany Costa Silva¹, Mariane Teixeira Dantas Farias², Radimille Silva de Oliveira³.

Palavras-chave: Violência Obstétrica. Psicologia. Poder Familiar.

Violência obstétrica é realização de qualquer ato ou intervenção ao binômio mãe-filho sem o consentimento da mulher, caracterizando o desrespeito a sua autonomia, integridade física e mental. Os primeiros registros de violência obstétrica se efetivaram no final do século XX, quando os partos foram inseridos na prática médica. A pesquisa buscou compreender o olhar da psicologia na violência obstétrica, entre as evidências científicas publicadas no período de 2012-2022. Trata-se de uma revisão da literatura, obtida por busca online no portal da Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando os Descritores em Ciências de Saúde (DECS) "Violência Obstétrica" e "Psicologia", com o auxílio do operador booleano "AND". A pesquisa inicial, com a leitura dos títulos totalizou 26 estudos. Ao realizar um segundo refinamento, através da leitura dos resumos, selecionaram-se cinco (5) estudos, os quais destacaram a atuação da psicologia no fenômeno das repercussões das violências obstétricas. Foram considerados critérios de inclusão: artigos indexados e revisados por pares, nos últimos dez anos, publicados no idioma português, excluindo-se as teses, dissertações e editoriais. Após a análise dos artigos selecionados, atribuíram-se seguintes categorias temáticas: "Lógica biomédica e a violação do corpo feminino"; "Interseccionalidade e Violência obstétrica"; "O fazer bem a despeito da autonomia: um mal necessário" e "Violências de diversas ordens", todas as categorias versam sobre as vertentes temáticas abordadas pela literatura, que refletem as compreensões do fenômeno da violência obstétrica. O debate da maternidade(s) diz respeito à relação que as condições impostas pela violência obstétrica impactam diretamente na construção do maternal.

1- Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: s.c.silva_@outlook.com.

2- Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: manomafarias@gmail.com.

3- Graduada em Educação Física pelo Centro Universitário de Excelência (UNEX). E-mail: radimillesilvadeoliveira@gmail.com.

RESUMOS EXPANDIDOS
Eixo temático
MATERNIDADE E SAÚDE



**II SEMINARIO
MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE - UFRJ**



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

PROJETO DE EXTENSÃO SAÚDE MENTAL MATERNA E A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE ESCUTA E ACOLHIMENTO

Cyntia Gomes Damasceno Basilio¹

Introdução:

Segundo Lígia Moreiras (2019, p.1), da plataforma com conteúdos direcionados para mulheres mães, Cientista que virou mãe, "Quando a gente vê uma mãe com criança pequena, deixamos de ver 90% dela." Isto nos remete ao apagamento que mulheres sofrem após o nascimento de um bebê - um verdadeiro choque de realidade se comparado a atenção recebida durante a gravidez. Elas deixam de ser vistas em vários níveis e paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se deixa de enxergar a mulher, profissional, estudante para dar destaque apenas a mãe, esse 'apenas' é muito pouco diante da enorme demanda que é a maternidade (MOREIRAS, 2019, p.1). Nessa lacuna deixada pela sociedade, de cuidado e políticas sociais direcionadas para mulheres mães, que o projeto visa orientar seus objetivos. Compreendemos a necessidade de voltarmos nossa atenção para a criança, entretanto, a mulher também é uma mãe que acabara de nascer, muitas vezes sem suporte, tendo que lidar com o puerpério - fase do pós parto na qual a mulher experimenta modificações psíquicas e físicas intensas até que o organismo retorne às condições ditas como normais - e a responsabilidade que envolve cuidar do recém-nascido.

A pandemia evidenciou essa sobrecarga mental e física, além da desigualdade de gênero, no que se refere aos cuidados com uma criança, sendo a mulher a cuidadora principal, impactando na sua carreira e possibilidades de trabalho formal remunerado. Percebeu-se então, a necessidade de criação de um espaço em que as mulheres possam ser acolhidas e falar sobre suas angústias, visando a promoção de sua saúde mental. Tem-se como objetivo: relatar a experiência do projeto de extensão Saúde Mental Materna (SAUMMA) desde o processo de treinamento até a realização das rodas de conversas virtuais.

Metodologia: Trata-se de um relato de experiência. O projeto de extensão SAUMMA da UFRJ foi criado em 2021, no contexto da pandemia COVID-19. Possui como Coordenadora e Vice Coordenadora, respectivamente, as Professoras: Gizele da Conceição Soares Martins (UFRJ-Macaé); e, Sabrina Baptista Ferreira (CCMN-UFRJ). Foi designado inicialmente, devido a pandemia, para um contexto de rodas de conversa virtuais. Atualmente conta com 9 alunas de graduação dos cursos de Serviço Social, Psicologia, Enfermagem e Medicina. E, com a colaboração externa da psicóloga Marcela Sandim.

1- Graduanda em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: cyntia.damasceno19@gmail.com

O projeto tem como objetivos: Promover rodas de conversa virtuais entre mulheres mães (enquanto durar a pandemia) para troca de experiências sobre emoções e vivências da maternidade. Garantir um espaço de acolhimento, através de escuta qualificada, para que as mulheres possam se expressar sobre os assuntos que desejarem livre de julgamentos e julgamentos e elaborar estratégias coletivas de enfrentamento às adversidades. Até o momento, todas as rodas de conversa foram em âmbito virtual, com a participação média de 5 mulheres por roda.

A divulgação é feita por mídias digitais através do Instagram do Projeto: @saudementalmaternaufRJ. As rodas acontecem a cada duas semanas, intercalando com um encontro semanal de supervisão com as professoras. Logo, a atenção para as necessidades dessa mulher, chega através de redes sociais, rodas de conversas e eventos, que serão detalhados mais adiante. Para que isso ocorra de maneira que consigamos ajudar essa mulher, proporcionando um espaço de escuta e acolhimento sem julgamentos, foi necessário um período de treinamento, fundamental para desconstruir certos paradigmas e preconceitos já estabelecidos na estrutura social, constituída em bases patriarcais - Gênero e patriarcado são relações históricas que se transformam ao longo do tempo, sendo reajustadas pelo capital para atender suas necessidades.

O patriarcado é uma relação de poder, dominação e exploração das mulheres e o gênero foi construído socialmente a partir da determinação do que é feminino e masculino - e racistas, que colocam sobre mulheres o peso da moralização.

Resultados:

A seleção de discentes para integrar o projeto possuía como requisito aluna, do sexo feminino, preferencialmente mãe. Foram selecionadas 12 alunas e ao finalizar os oito encontros de treinamento, ficaram nove no total. O projeto concorreu ao edital PROFAEX da UFRJ e foi contemplado com uma bolsa. O critério de seleção da bolsista considerou: ser mãe, cor, renda familiar. Os treinamentos foram semanais, de maneira virtual. A partir dos treinamentos oferecidos na extensão, fomos capazes de desnaturalizar a sobrecarga materna e o estereótipo de mãe guerreira, compreendendo como a maternidade também é uma expressão da questão social - visto que toda a cobrança social que gira em torno da maternidade frente a escassez de auxílio é advinda das relações de produção instituídas historicamente em nossa sociedade, que camuflam de amor incondicional o que é exploração de gênero fazendo isso através de uma escuta qualificada e quando necessário, realizando intervenções durante as rodas e encaminhamentos para serviços especializados. Como parte do treinamento, tivemos dois eventos realizados com transmissões via Youtube: Maternidade Travesti e percepções para uma vida comum com a participação de Sara York, Professora, ativista LGBTI+, formadora de atores, linguista, tradutora, pedagoga e pesquisadora e Mulheres Negras, maternidade e violência: desafios para o cuidado em saúde mental com a participação de Rachel Gouveia, Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ. Ambos eventos nos trouxeram uma visão mais ampla do que é a maternidade e a importância de uma visão das interseccionalidades, entendendo que não há hierarquia entre elas, mas que

são como encruzilhadas que constroem as mulheres que recebemos em nossas rodas. É essencial compreendermos que a construção do feminino e do papel social da mulher é histórica e fruto das relações sociais.

Essas relações estão inseridas no contexto da lógica burguesa que movimenta o modo de produção capitalista, ou seja, o cerne deste modo de produção é a relação entre capital e trabalho, que gera a questão social - que é fruto do conflito da relação entre capital e trabalho, ou seja, dentro da sociabilidade capitalista, a própria classe operária que nasce dentro dessa lógica burguesa, possui demandas de ordem econômica, social e política, que se expressam das mais variadas formas, na cotidianidade, a partir do antagonismo entre as classes. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p. 21 apud NETTO, 1992, p. 18) - e suas expressões. A luta de classes está presente em todas as camadas da sociedade e a mulher representa um papel fundamental na esfera da produção: a reprodução social. (BHATTACHARYA, 2013, P.103)

A proposta das rodas virtuais é para que as mulheres possam trocar experiências e construir estratégias para compor uma maternidade mais fortalecida e saudável. O objetivo de modo algum é que se forme um grupo de orientações ao recém-nascido, o foco do projeto se atém a mulher mãe e suas demandas, sobrecargas, questionamentos e dificuldades. Os temas das rodas, bem como dias e horários são construídos junto com as participantes, através de enquetes no Instagram. Até o momento, os temas escolhidos pelas mulheres foram: O corpo da mulher mãe, Maternidade solo, Organização do tempo, Trabalho/estudo e maternidade, Puerpério e rede de apoio, Burnout na maternidade e Desmame gradual.

As rodas acontecem com, no mínimo, duas alunas e uma docente. A condução prevê um planejamento que proporcione problematização, desabafo, trocas de estratégias de enfrentamento e um momento final de relaxamento.

Conclusão:

As formações de todas as estudantes foram impactadas pelo projeto, principalmente dentro do âmbito da escuta qualificada e visão interseccional, que são essenciais nas mais diversas profissões e principalmente nos cursos das integrantes que compõem o projeto. É importante compreender que a marginalização da mulher negra e a invisibilização da mulher trans são problemas que, por serem estruturais, atravessam a todos nós, e o reconhecimento disso nos capacita a realizar um acolhimento o mais livre possível de preconceitos.

Referências Bibliográficas:

BHATTACHARYA, Tithi. O que é teoria da reprodução social?. Revista, São Paulo, v. 1, n. 34, p. 1-15, set./2019. Disponível em:

http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em: 7 out. 2022.

MOREIRAS, Ligia. Maternidade não é coisa de mãe, é coisa do mundo. Santa Catarina, nov/2019 Facebook: Cientista que virou mãe. Disponível em: <<https://m.facebook.com/cientistaqueviroumae/photos/a.217323741713458/2502042973241512/?type=3>>. Acesso em: 24/10/2022.

NETTO, J. P. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1992. (p. 15-30).

A CENTRALIDADE MATERNA NO ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS COM LEUCEMIA

Ingrid de Assis Camilo Cabral¹, Isabele Viana Marques².

Palavras-chave: Gênero. Cuidado. Maternidade.

Questão central:

Esta pesquisa se encontra em desenvolvimento no Instituto de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcante- Hemorio, com objetivo de compor trabalho de Conclusão de Residência. O tema do estudo surgiu da prática profissional enquanto residente de Serviço Social nas enfermarias da pediatria, local que pode acompanhar mais de perto a realidade dos acompanhantes nas internações. A doença Hematológica a qual determinamos como critério de inclusão na pesquisa, tem relevância, pois segundo DIAS; SILVA; OLIVEIRA (2016, p.12): A Leucemia Linfóide Aguda (LLA): "É uma doença hematológica que representa 30 % das neoplasias infantil sendo o câncer mais comum na infância".

A LLA é caracterizada pelo crescimento rápido das células leucêmicas, pela infiltração das mesmas em outros órgãos e pela parada da produção do sangue, ainda pelo agravamento rápido da condição de saúde. O tratamento implica em uma série de terapêuticas que podem ser feitos a partir de internações sistemáticas e que, por serem agressivas, podem gerar diversas questões físicas e emocionais

que fazem a presença de um acompanhante essencial, no caso da pediatria, para além das questões legais. Contudo, o acompanhante que a princípio está presente para estabelecer apoio, passa a ser figura principal do cuidado para o usuário onco-hematológico e divide com o mesmo as tristezas e aflições do ambiente hospitalar, ainda que de forma diferente, por não apresentar o diagnóstico. Com isso, gostaríamos de contemplar o fato de que tal família também deve ser alvo de atenção, não sendo de alguma forma responsabilizada, pois passam por inúmeros desafios durante as internações e/ou evolução da doença, que vão desde lidar com o diagnóstico e sua evolução às questões físicas e psicossociais.

Metodologia proposta:

Trata-se de pesquisa qualitativa, que teve por instrumento de coleta entrevistas semiestruturadas realizadas a partir do referencial da História Oral, tendo sido aprovada pelo comitê de ética em pesquisa-CAAE - 57792322.5.0000.5267. Foram abordadas 06 acompanhantes de crianças que realizam tratamento para LLA na pediatria, das quais obtivemos 05 entrevistas, houve

1- Assistente Social no Hemorio. ingridcabral.as@gmail.com

2- Assistente Social. Residente no Hemorio. isabelevmarques@hotmail.com

desistência de 01 participante. A análise foi realizada através da análise Temática que teve os seguintes temas: Cuidado, Gênero e Sobrecarga do Cuidador.

Conclusões parciais:

As entrevistas foram com os acompanhantes no momento da internação das crianças, resalto que foi ofertada ocorrer em outro espaço, por entender que determinados assuntos fossem mais desconfortáveis para serem ditos na presença das crianças e na dinâmica da enfermaria, mas não foi aceito. Destaco que encontramos dificuldade nos critérios de inclusão estabelecidos, no que diz respeito ao diagnóstico LLA, pois apesar de representar maior incidência entre as crianças, tudo indica que, no Hemorio, não se apresenta como público principal.

O local escolhido para a realização das entrevistas as quais em sua totalidade foram realizadas a beira do leito; segundo Martnelli; Lima (2019):

São diversas as possibilidades de escolha do local da entrevista pelo participante, o que implica a sua ocorrência em condição nem sempre ideal para a gravação. Mas deve-se reconhecer o significado dessa escolha, pela valorização de um espaço em detrimento de outro, o que permite conhecer o valor atribuído pelo participante. (Martinelli; Lima, p.112,2019).

Aquele espaço, além de representar o local denominado institucionalmente para abrigar tais acompanhantes durante as internações, também representa o lugar do cuidado intra-hospitalar, o que atrelado ao papel que ocuparão dentro da instituição, não permite o afastamento, pois a todo e qualquer momento, há uma expectativa de necessidade do cuidado.

A presença da família também é utilizada como um complemento para equipe profissional, reforçando o ideário neoliberal de responsabilização da família, pois aquele acompanhante acaba tendo a função de notar dificuldades e mudanças na criança internada, auxiliar no tratamento e cuidado e acionar a equipe profissional quando necessário, em um movimento de terceirização do cuidado intra-hospitalar que seria de responsabilidade da equipe de saúde.

Das 5 entrevistadas todas eram mulheres, mães, que se auto declaravam pretas ou pardas, na faixa etária de 22 a 36 anos. Esses dados iniciais, reforçam o predomínio das mulheres que assumem a centralidade do cuidado familiar, e mesmo quando a figura paterna aparece, é destinada ao apoio, tendo como justificativa a sua presença no mercado de trabalho.

O mito de amor incondicional que atravessa a maternidade traz concepções que fazem com que as mulheres sejam vistas como portadoras do cuidado, sendo muitas das vezes influenciadas a abdicar do mundo laboral formal. Como consta no relato:

A médica falou assim para mim: “você tem que sair do trabalho” foi assim que foi me dito: “porque você não vai ter como...você tem alguém para ficar com ele?” eu falei: “não” aí falava: “Mãe, você tem que se organizar, você tem que sair do trabalho” (entrevistada 1)

O trabalho informal aparece como uma alternativa, desde que não atrapalhe o desenvolvimento do tratamento e representem dificuldade para as muitas idas ao hospital, para acompanhamento e internações, essa questão aparece em 2 das 5 entrevistadas:

Eu gosto de trabalhar, fazer o que eu amo, que é cabelo, unha. mas também nem sempre posso estar recebendo. então o que eu gosto mais de fazer é trabalhar quando eu posso. mas mesmo assim nem posso porque não é todo mundo que a gente pode receber por conta delas ... (Entrevistada 2)

Já deixei de trabalhar para vir com ele na consulta. (Entrevistada 4)

As mães ficam encarregadas de dar todo suporte emocional e físico à criança internada, além das funcionalidades do lar, como prover o cuidado de outros filhos e desempenhar atividades laborais, que acabam sendo conciliadas. A entrevistada 5 demonstra essas múltiplas funcionalidades:

"Assim eu acho que pode ser um pouco complicado com relação a minha outra filha... tenho que pegar na creche, mas a gente vai dar um jeito" (Entrevistada 5).

Foi possível perceber, o quanto o diagnóstico traz mudanças que, para além do físico, abalam o emocional das mães, que descrevem tal situação como "impactante" e que apresentam nas suas falas aspectos que refletem o desgaste e sobrecarga física e emocional.

O cuidado está ligado socialmente, às mulheres, observamos uma constante relação de forças que se estabelecem dentro do âmbito familiar no que diz respeito ao cuidado, palavra que em seu significado já carrega conotação forte ligada ao gênero e que implica em uma série de questões ligadas a sociedade e a quem, para além da família, é destinado a responsabilidade de prover o bem estar.

Tais discussões são essenciais para

a efetivação de serviços de saúde integrais que de fato entendam e apliquem o conceito de saúde, dando voz a questões que em geral são silenciadas, como é o caso da sobrecarga gerada pelo acompanhamento e o atendimento, também a essas mães que estão todos os dias encarregadas de cuidar de tais crianças. Vislumbrar tal temática permite o entendimento da necessidade de uma ação contínua sob aquele que já é cuidado e de seu cuidador, possibilitando um melhor cuidado, da mesma forma são necessárias tais discussões para entendermos questões que se relacionam ao gênero e assim propor a formulação de políticas públicas que possam amenizar tais desgastes.

Concluimos que o diagnóstico e as internações são desafios para a família e principalmente para as mulheres que cuidam. Não somente pelo papel que assumem socialmente, mas por todo desgaste físico e emocional que tal papel acarreta, apresentando relevância para o debate sobre maternidade.

Referências Bibliográficas

DIAS, Priscila Pinheiro; SILVA, Antonio Danilo de Souza; OLIVEIRA, Jonas Sâmia de Albuquerque de. Mortalidade infantil por leucemia linfóide nas regiões do Brasil. In: Revista Brasileira de Inovação Tecnológica em Saúde, v. 6, n. 1. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/reb/article/view/9693>. Acesso 26 Out.2022.

GAMA, Andréria de Souza. Gênero e trabalho do cuidado Aportes Teóricos. In: O SUS e suas crianças: (re)pensando demandas e questões para o Serviço Social. Org. Alíne de Carvalho Martin, Dolores Lima da Costa Vidal.-1.ed.- São Paulo: HUCITEC,2020.

MARTINELLI, Maria Lucia et al. A história oral na pesquisa em serviço social da palavra ao texto. São Paulo: Cortez, 2019.

PORTELLI, Alessandro. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.



II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4

DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

MESAS E PALESTRAS

MESA DE ABERTURA: MATERNIDADES FEMINISTAS NO COMBATE AO FASCISMO

INICIATIVAS DE PERMANÊNCIA DAS MULHERES-MÃES NA UNIVERSIDADE

II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ

**MATERNIDADES FEMINISTAS
NO COMBATE AO FASCISMO**

01 DEZ 19:00

www.youtube.com/watch?v=qR6myR5aKzc



CONVIDADAS:
Prof. Josiane Peçanha (Núcleo Materna)
Prof. Camila Fernandes (UFRJ)



MEDIAÇÃO:
Fontel (UFRJ)

Transmissão:
Canal Núcleo Materna no Youtube




II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ

**INICIATIVAS DE PERMANÊNCIA DAS
MULHERES-MÃES NA UNIVERSIDADE**

02 DEZ 19:00

www.youtube.com/watch?v=JuEghi_cJtw



CONVIDADAS:
Prof. Camélia Vaz Penna (UFOP)
Prof. Waleska Aureliano (UERJ)
Andressa Fernandes (UNIRIO)
Prof. Carliene Freitas (UFNT)
Prof. Ana Rosa Oliveira (UFNT)



MEDIAÇÃO:
Mithaly Corrêa (UFRJ)

Transmissão:
Canal Núcleo Materna no Youtube




CIÊNCIA, GÊNERO E MATERNIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES

A PRODUÇÃO DE VIDA NA LINHA DE FRENTE: MÃES NAS LUTAS PELOS DIREITOS HUMANOS

II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ

**CIÊNCIA, GÊNERO E MATERNIDADE:
PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES**

03 DEZ 09:00

www.youtube.com/watch?v=X6jjoNCgbdS



CONVIDADAS:
Prof. Anita Loureiro de Oliveira (UFRJ)
Prof. Silvana Maria Eitencourt (UFMT)
Prof. Maria Collier de Mendonça (UFPE)



MEDIAÇÃO:
Juliana Márcia (PUC-RIO)

Transmissão:
Canal Núcleo Materna no Youtube




II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ

**A PRODUÇÃO DE VIDA NA LINHA DE FRENTE:
MÃES NAS LUTAS PELOS DIREITOS HUMANOS**

03 DEZ 10:45

www.youtube.com/watch?v=81TooNkBbNM



CONVIDADAS:
Ana Paula Oliveira (Mães de Manguinhos)
Mirtes Renata (ANEPE- Articulação Negra de Pernambuco)
Christiane Rocha Ciovana Falcão (ONU Mulheres)



MEDIAÇÃO:
Lizie Calmon (UFRJ)

Transmissão:
Canal Núcleo Materna no Youtube






II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

2 DEZ | 08:30H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 1
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 1: Maternidade e Universidade
Eixo 2: Maternidade e Cultura

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL

2 DEZ | 08:30H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 2
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 1: Maternidade e Universidade
Eixo 2: Maternidade e Cultura
Eixo 4: Maternidade e Saúde

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL

2 DEZ | 10:30H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 3
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 2: Maternidade e Cultura
Eixo 3: Maternidade e Interseccionalidades

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL

3 DEZ | 13:00H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 4
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 1: Maternidade e Universidade
Eixo 4: Maternidade e Saúde

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL

3 DEZ | 13:00H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 5
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 1: Maternidade e Universidade
Eixo 2: Maternidade e Cultura

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL

3 DEZ | 15:00H
HORÁRIO DE BRASÍLIA

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 6
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS APROVADOS

Eixo 1: Maternidade e Universidade
Eixo 2: Maternidade e Cultura
Eixo 4: Maternidade e Saúde

II SEMINÁRIO
Maternidade e Universidade UFRJ

INSCREVA-SE NO CANAL



II SEMINARIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE - UFRJ



NÚCLEO
VIRTUAL
DE PESQUISA
EM GÊNERO E
MATERNIDADE



1, 2, 3 E 4
DEZEMBRO DE 2022

PROJETO DE EXTENSÃO
MÃES NA UNIVERSIDADE -
UFRJ, NÚCLEO MATERNA E
COLETIVO MÃES DA UFRJ

NUCLEOMATERNA.ORG

FIM